



PUC RIO

ELIANE DOS SANTOS SILVEIRA

A DESCOBERTA DO COMPLEXO DE ÉDIPO.
SURGIMENTO E FORMULAÇÃO DE UM CONCEITO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1995.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N. Chamada: 150 / S587d / TEGE UC

Título: A descoberta do complexo de Edipo



0 0 8 9 0 7 1

Ex 1-CENTRAL

1864

ELIANE DOS SANTOS SILVEIRA

A DESCOBERTA DO COMPLEXO DE ÉDIPO:
SURGIMENTO E FORMULAÇÃO DE UM CONCEITO

Dissertação apresentada ao
Departamento de Psicologia da
PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do
título de Mestre em
Psicologia Clínica.

Orientador:
Lúcia Rabello de Castro

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, dezembro de 1994

UC 61392-0



150
S587d
TESE UC

Para Jacob, meu marido

Minhas sobrinhas Carolina e Camila

À memória do meu irmão Emmanuel.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos:

A Prof. Lúcia Rabello de Castro, pela confiança, incentivo e paciência com que orientou e contribuiu ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do Departamento de Psicologia, pelas contribuições dadas ao longo do curso.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro pelo apoio recebido.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

A minha colega de mestrado Raquel pela decisiva ajuda e estímulo nos momentos finais deste trabalho.

A Carlos Alberto Plastino e Liana Albernaz de Melo Bastos, pela generosidade e disponibilidade com que sempre apresentaram seus conhecimentos psicanalíticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	VI
I - OS PRIMEIROS TEXTOS SOBRE ÉDIPO: QUESTÕES PARA UMA RECONSTRUÇÃO DA TRAJÉTORIA FREUDIANA	1
1 - O Manuscrito N - 31`de maio de 1897	2
2 - A Carta de 15 de outubro de 1897	3
3 - A Metodologia Freudiana	6
II - A AUTO-ANÁLISE DE FREUD	17
1 - Os Primórdios da Auto-Análise	18
1.1) Da Auto-Experimentação à Auto-Análise	18
1.2) A Morte do Pai e o sonho "Pede-se fechar os olhos" (outubro /1896): A dimensão parricida do Complexo de Édipo	20
1.3) A Relação com Fliess	23
2 - Os Sonhos Edípicos	24
2.1) O sonho do "Tio de barba amarela" (fevereiro/1897)	25
2.2) O sonho "Via Secerno" (abril/1897)	31
2.3) O sonho "Hella" (maio/1897)	32
2.4) O sonho "Subir as escadas despido" (maio/1897)	33
2.5) O sonho "Cabeça de carneiro" (outubro/1897)	38
2.6) A recordação encobridora da "Cena do armário"	40
2.7) O sonho do "Médico zarolho"(outubro/1897)	45

2.8) O ato-descuidado da "Injeção na velha senhora" (outubro/1897)	48
III A CLÍNICA E O MITO	51
1 - A Clínica Psicanalítica: O jovem obsessivo	51
1.1) O relato freudiano	52
A) A inserção do jovem obsessivo em "A interpretação de sonhos" (1900): Considerações sobre o desejo infantil	52
B) Ódio ao pai e automatismo psíquico no jovem obsessivo	59
1.2) A hipótese de Anzieu: A trajetória do jovem obsessivo (1895 a 1900) e a descoberta do Complexo de Édipo	64
2 - O Mito de Édipo	68
2.1) A Tragédia Édipo Rei, de Sófocles	68
2.2) A interpretação de Freud: o destino edípico universal	72
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
BIBLIOGRAFIA	79

RESUMO

O presente trabalho diz respeito ao intenso e vigoroso amor experimentado pela criança em relação a seus pais, sobre o qual Freud constrói seu conceito de Complexo de Édipo.

Optou-se por dar um tratamento histórico ao tema, examinando, na trajetória freudiana, os momentos iniciais de constituição do conceito de Complexo de Édipo e investigando as fontes desta descoberta. Apresentamos assim as evidências trazidas pela auto-análise e pela clínica de Freud, bem como a contribuição advinda do estudo do mito de Édipo. Com relação à auto-análise, acompanhamos um delicado e sinuoso processo contemporâneo à hipótese da sedução que se inicia com acusações ao pai e severas auto-recriminações. Os sonhos de Freud aqui investigados trazem a recordação da velha babá de infância, ainda vista como um adulto sedutor, mas que se tornou importante, antes de mais nada, por ter sido capaz de suscitar o amor da criança. A partir daí Freud recupera a afeição erótica que desde muito cedo devotou à mãe, até que a ocorrência de um ato-falho o ilumina quanto à inexorabilidade do destino edípico. Destacamos ainda que a descoberta edípica muito tem a dever a um personagem pouco comentado na história da psicanálise: um jovem paciente, obsessivo, que busca Freud para, em última instância, confessar seus impulsos homicidas contra o pai.

Pretende-se enfim demonstrar que a produção teórica de Freud não avança espetacularmente da Teoria da Sedução para um uso pleno e confortável dos conceitos de fantasia, sexualidade infantil e Complexo de Édipo. A versão ancorada em uma formidável ruptura teórica pode nos manter na ignorância a cerca das circunstâncias em que Freud descobre Édipo. Esta descoberta não é a realização teórica de um herói quase

desumano, mas sim o resultado de uma série de indagações pessoais e profissionais que se fez Sigmund Freud, em Viena, ao final do século passado, a partir, sobretudo, de um processo iniciado com o doloroso luto pela morte de seu pai.

ABSTRACT

The present work concerns the intense and vigorous love experienced by the child in relation to its parents, in terms of which Freud elaborated his notion of the Oedipus Complex.

A historical approach to the above theme has been pursued in order to examine the initial constitutive moments of the notion of the Oedipus Complex along The Freudian research trajectory, highlighting the sources of such a discovery. Therefore, evidence stemming both from Freud's self-analysis and his clinical work, as well as from his interpretation of the Oedipus myth, have been brought forward and analysed. In relation to Freud's self-analysis, we have tracked out a complex and sinuous process, contemporary of the seduction hypothesis, that is launched by Freud's accusations of his own father and his self-recriminations. Freud's dreams investigated in this work bring up the remembrance of the old nanny of his childhood, still regarded as a seducing adult, but who has become important as she was able to elicit the child's love. At this point, Freud recovers the erotic affection once devoted to his own mother, a fact eventually illuminated by the occurrence of a parapraxis which indicated the inevitability of the oedipal destiny. The discovery of the oedipus complex is also related to a hardly noticed personage in the history of psychoanalysis: A young obsessive patient who is referred to Freud in order to confess his homicidal impulses, against his father.

It has been attempted to demonstrate that Freud's discovery of the oedipus complex does not entail a neat and spectacular move from the seduction theory to a comfortable and straightforward use of the concepts such as, phantasy, child sexuality and oedipus complex. The version which is founded on such a formidable conceptual rupture can

leave us ignorant about the conditions in which Freud discovered the oedipus complex. Freud's discovery of the Oedipus complex is not a theoretical accomplishment of an almost non-human hero, but the result of a number of personal and professional queries that Sigmund Freud posed to himself at the end of the last century, a process launched by Freud's mourning over the death of his own father.

INTRODUÇÃO

A possibilidade de amor da criança inclui a intensidade, o vigor e o apaixonamento possessivo que estamos acostumados a atribuir ao socialmente reconhecido amor adulto. Podemos mesmo falar de um amor inicial dotado de incomparável força e poder de persistência vida afora, onde os pais são os parceiros privilegiados, na medida em que atendem às necessidades do filho, fazem frente a seu desamparo e investem-no libidinalmente. Assim sendo, o ser humano está sob a égide do amor e do desejo desde sempre, constituindo-se como sujeito precisamente a partir daí.

A relação amorosa com os pais oferece ainda ao humano, em meio à tensão pela proibição do incesto, uma oportunidade para o florescimento da sexualidade e também para seu necessário direcionamento rumo à objetos substitutos. Este peculiar amor prevê, assim, tanto o encontro apaixonado como a desistência e separação.

Coube a Sigmund Freud a formulação deste amor que liga pais e filhos, e que comporta desejos sexuais e rivalidades. Nosso trabalho pretende contar a história desta descoberta, examinando os momentos iniciais em que um novo conceito se anuncia, buscando as evidências que se impuseram a Freud, e, não dissimulando as incertezas e inexatidões inerentes a este período.

No Capítulo I localizamos o momento da trajetória freudiana em que emerge a noção de Édipo, examinando as primeiras aproximações aos temas do ódio ao genitor de mesmo sexo e do desejo incestuoso dirigido ao genitor do sexo oposto, conforme descritos nas Cartas de Freud a Fliess de 31 de maio e 15 de outubro de 1897.

Desenvolvemos uma série de argumentos em favor da busca dos antecedentes históricos destas novas concepções, defendendo que há que se levar em conta uma série de acontecimentos da vida profissional e pessoal de Freud, contemporâneos às mesmas descobertas.

Sublinhamos, ainda, a especificidade do método de trabalho constituído por Freud que lhe permitiu pensar em Édipo. Falamos de uma decisiva participação do inconsciente do autor no processo de produção de conhecimento, configurando, neste sentido, uma indiscutível ruptura com o modelo científico dominante. Marcamos, também, a importância da persistência e obstinação clínicas de Freud que criam condições para a emergência de seus mais decisivos insights.

Pretendemos demonstrar que a descoberta do Édipo, por Freud, não acontece subitamente à maneira de uma revelação quase religiosa, mas também não obedece à rigorosa linearidade que se costuma esperar de um trabalho científico. Não falamos, portanto, da realização de um herói quase desumano, nem da aquisição de um saber que produz um corte imediato e irreversível com tudo que lhe precede; acompanhamos, de fato, os pequenos acontecimentos, dúvidas e contradições que cercam Freud em sua elaboração de um amor precoce e vigoroso que une filhos e pais.

No Capítulo II examinamos detidamente a hipótese de a descoberta do Édipo ter se dado no interior da auto-análise de Freud. Fazemos inicialmente uma breve caracterização do processo de auto-análise e apresentamos seus desencadeantes, dando destaque à morte do pai de Freud, em outubro de 1896, e à relação intensa e ambivalente com Fliess.

Tratamos especialmente de oito produções inconscientes de Freud (seis sonhos, uma recordação encobridora e um ato descuidado) imediatamente anteriores à descoberta edípica, examinando a apreciação feita pelo próprio sonhador e por alguns comentadores. Não nos move um interesse puramente biográfico, nem a pretensão de oferecer uma interpretação mais convincente ou adequada para este material, mas sim a

intenção de nos aproximarmos do tema de Édipo de modo semelhante àquele em que ele se impôs a Freud, ou seja, através dos resquícios e fragmentos dos seus próprios amores de infância.

No Capítulo III consideramos as outras fontes da descoberta freudiana - a clínica e o mito - e a primeira apresentação pública da noção de Édipo. Com relação à clínica de Freud, demos destaque a um jovem obsessivo cujo tratamento teria se dado entre os anos 1895 e 1900. Trata-se de um paciente pouco conhecido até mesmo pelo estudioso de psicanálise, dada a descrição e parcimônia com que Freud o apresenta. Sua importância reside na relativa transparência com que vive seu ódio ao pai: transforma-o em terror de cometer assassinatos generalizados e nas mais terríveis auto-recriminações, exatamente após a morte do mesmo. A morte do pai, aliás, teria sido um poderoso elemento de ligação entre este paciente e um Freud também enlutado.

Falamos também da leitura particular do mito de Édipo que Freud realizou, tomando por base a tragédia de Sófocles. Freud acredita encontrar na história do desafortunado Édipo, que, sem o saber, matou o pai e casou-se com a própria mãe, uma confirmação de sua hipótese relativa à verdadeira natureza de nossos desejos de infância. Os personagens de "Édipo Rei" ocupam-se de fugir das previsões dos oráculos, terminando, no entanto, por cumpri-las à risca. Freud aproveita-se do tema do destino, presente portanto nesta tragédia, para falar de algo que nos atinge a todos, impiedosa e inexoravelmente, desde antes mesmo de nosso nascimento. O destino, para Freud, contudo, não é o que cabe a cada um diferenciadamente, mas uma lei geral que rege todos os humanos.

A apresentação da descoberta edípica para o grande público dá-se em "A interpretação de sonhos". Defendemos o ponto de vista de que Freud lança esta nova idéia, ao mesmo tempo em que realiza uma contundente

crítica às representações prevalentes na cultura relativas à infância, maternidade / paternidade e relações pais-filhos, apontando para a existência de rivalidades e desejos sexuais no coração da família.

CAPÍTULO I

OS PRIMEIROS TEXTOS SOBRE ÉDIPO: QUESTÕES PARA UMA RECONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA FREUDIANA

No ano de 1897 Freud começa a falar de Édipo. Fala a Wilhelm Fliess, seu amigo berlinense, especialista de nariz e ouvido, através da correspondência de cunho pessoal e intelectual que liga os dois homens no período de 1887 a 1904. Fala ao mesmo tempo em que pensa, honrando um certo compromisso de honestidade intelectual estabelecido sobre a base de uma relação íntima e afetuosa. Estes primeiros relatos têm, portanto, o sabor de um alimento recém preparado, estão marcados por um caráter de novidade, assim como se apresenta um objeto que ainda ostenta o selo de fábrica. Mais até: são primeiros esboços, rascunhos, idéias ousadas -talvez provisórias, talvez enganosas- apresentadas por Freud à sua "platéia de uma só pessoa", que é como caracterizava o amigo a quem recorria sem reservas, sobretudo nos períodos em que se considerava apartado de círculos intelectuais mais amplos.

Freud fala a Fliess com franqueza -pelo menos, com a cota de franqueza que nos é dado falar- e com riqueza de detalhes, executando quase que um diário de bordo, onde descreve a aventura de sua existência, dos tratamentos que empreende, de sua própria auto-análise e, portanto, dos bastidores de sua produção intelectual. Não fosse o episódio da venda das cartas, por parte de Ida Fliess, após a morte do marido, e, toda uma saga de discípulos e parentes de Freud (quer no sentido de reavê-las, quer na defesa de sua preservação e

divulgação), este conjunto de informações, confissões e indiscrições não teria passado à posteridade como valiosos documentos da história da psicanálise¹

1. O Manuscrito N - 31 de maio de 1897

As primeiras cartas a Fliess que trazem a temática edípica são as de 31 de maio e 15 de outubro de 1897. O **Manuscrito N** -anexo à carta de 31 de maio/1897- é redigido por Freud num período de euforia e assombrosa produção intelectual. Vê-se nos escritos desta época um fervilhar quase incompreensível de novas idéias², que preparam o terreno para variadas construções teóricas. Além disso, por esta ocasião, Freud e Fliess já se haviam escolhido mutuamente como interlocutores preferenciais, e Freud usufruía do que seria o diferencial desta relação: uma espontaneidade bastante cultivada³.

Freud, encontra-se, portanto, numa condição muito especial de liberdade, tanto no que tange ao processo de pensar, quanto à possibilidade de externalizar seus pensamentos. Acreditamos, contudo, que o autor não fazia uma idéia clara das origens desta licença científica, nem do pleno significado e das conseqüências do que diz. "Aqui vão alguns fragmentos lançados à praia pela última onda", abre Freud a carta onde se aproxima de Édipo, pedindo em seguida ao amigo que conserve o texto, pois sequer providenciara uma cópia do

¹ Este episódio envolve ainda, por um período a relutância do próprio autor, que também interfere nesta delicada negociação. Diz ele a Marie Bonaparte: "Nossa correspondência foi a mais íntima que você possa imaginar. Seria altamente embaraçoso que viesse a cair nas mãos de estranhos. Assim, é uma extraordinária obra de amor que você as tenha conseguido e livrado do perigo... Não quero que nenhuma delas seja conhecida pela chamada posteridade". Carta de S. Freud para M. Bonaparte de 03 de janeiro de 1937. Citada por Masson, J.M. In: **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro, Imago, 1986., p. 7

² "Estou em pleno ritmo de descobertas". -Carta de 11 de janeiro de 1897.

"Tenho estado numa contínua euforia e trabalhado como um rapaz". Carta de 02 de maio de 1897.

"O anexo contém um surto de idéias". Carta de 25 de maio de 1897.

In: Masson J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Ed.Cit., pp 224, 240 e 246, respectivamente.

³ Ver por exemplo a Carta de 17 de dezembro de 1896: "Não quis esconder de você essas reflexões... Você não é nenhum Breuer a quem não se possa mostrar nada que não esteja concluído". In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. 218.

mesmo. "Nada acrescento a guisa de desculpas ou explicações: sei que se trata apenas de premonições, mas sempre surgiu algo de todas as coisas desse tipo"⁴. A seguir conta dois sonhos recentes (e suas interpretações) e, sem mais, lança a nova idéia.

Neste manuscrito N, Freud relata descobertas que aparentemente se originam de sua clínica, mas não especifica as fontes. Trata-se da existência de impulsos hostis contra os pais, encontrados nos quadros patológicos. Antes de mais nada, Freud realiza uma equivalência entre os impulsos hostis e o desejo radical de que os pais morram. Registra a presença destes impulsos nas idéias obsessivas e também nos delírios de perseguição dos paranóicos, detalhando que, neste último caso, a desconfiança patológica dirigida a governantes e monarcas constitui uma derivação dessa hostilidade aos pais.

Freud trata também de um acontecimento muito importante para esta questão do ódio aos pais: o que acontece quando os pais morrem (ou adoecem) de fato. Observa que, no luto, acontece ora uma reação melancólica de remorso (auto-recriminações), ora uma reação histérica de identificação (adoece-se como o pai). Somente ao fim do manuscrito, o autor acrescenta a observação fundamental de que esse desejo de morte obedece a uma regularidade sexual: odeia-se e condena-se à morte, nas neuroses, o genitor de mesmo sexo.

2. A Carta de 15 de Outubro de 1897

Já na carta seguinte ao manuscrito N, Freud começa a se queixar de "estagnação intelectual" e de uma incompreensível relutância em escrever⁵. Atravessa um período de paralisia e embotamento -o que tenta justificar pela teoria, cara à Fliess, da periodicidade- mas, ao mesmo tempo, começa a falar

⁴ Carta de 31 de Maio de 1897. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed. Cit., p. 250.

⁵ Carta de 18 de junho de 1897. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed. Cit., pp 253-254.

destes estados como manifestações de sua neurose⁶. Seu humor oscila, tenta produzir ou se divertir, mas não consegue "diminuir a agitação de minha cabeça e meus sentimentos"⁷. Começa então, em agosto, a dar notícias de uma análise recente e que "é mais difícil do que qualquer outra": a sua própria.⁸.

A partir daí Freud concentra suas energias na auto-análise. Toma coragem para levar às últimas consequências a descrença que vem experimentando, há meses, em relação a sua teoria da sedução, dizendo-se vitorioso, vigoroso e em ótimo estado de ânimo⁹. Personagens de sua infância, com quem estabelecera os primeiros e mais intensos laços afetivos, comparecem em sua análise; o destaque principal é sua babá e a antiga afeição experimentada pelo menino Freud.

A carta onde Freud anuncia a descoberta edípica ocorre num momento privilegiado da auto-análise. "Minha auto-análise, é de fato, a coisa mais essencial que tenho no momento"¹⁰: estas são as primeiras palavras de Freud na carta de 15 de outubro. Depois de falar de novos sonhos e de uma recordação encobridora, Freud relata, finalmente, uma descoberta advinda de sua auto-análise e que pode reivindicar um valor teórico, ao ultrapassar os limites de sua experiência individual. Era isto o que ele esperava, desde que outorgara prioridade máxima à própria análise ("Creio que precisa ser feita e que é uma etapa intermediária em meu trabalho"¹¹).

"Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai", eis a descoberta de Freud, "e agora o considero um acontecimento universal do início da infância"¹². O autor evidencia o mesmo fenômeno em grandes clássicos da literatura: Em Édipo-Rei, chama a

⁶ Carta de 22 de junho de 1897. In: Masson, J.M. Op.Cit., p. 255.

⁷ Carta de 14 de agosto de 1897. In: Masson, J.M. Op.Cit., p. 262.

⁸ "O principal paciente a me preocupar sou eu mesmo". In: Masson, J.M. Op.Cit., p. 262.

⁹ Carta de 21 de setembro de 1897. In: Masson, J.M. Op.Cit., pp 265-267.

¹⁰ Carta de 15 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. Op.Cit. p. 271.

¹¹ Carta de 14 de agosto de 1897. In: Masson, J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Ed. Cit., p. 262.

¹² Carta de 15 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. Op.Cit. p. 273.

atenção para a comoção da platéia frente ao desgraçado destino do monarca; em Hamlet, de Shakespeare, a hesitação neurótica do filho em vingar o pai aponta para um sentimento inconsciente de culpa. Em suma: Édipo e Hamlet falam de todos nós, incestuosos e parricidas em fantasia.

Ao finalizarmos esta breve apresentação dos primeiros escritos sobre Édipo, somos tomados por muitas indagações. O que acontece a Freud que o faz caracterizar os achados do **Manuscrito N** como fragmentos que o mar lançou à praia? Isto evidencia um trabalho do inconsciente? A morte de seu pai, ocorrida 7 meses antes, tem alguma relação com esta elaboração teórica, que conceitualiza o ódio ao pai e a clínica do luto? A partir daí, Freud consagrará um lugar especial a esta descoberta, abandonando sua teoria da sedução e as concepções bizarras de Fliess sobre periodicidade e menstruação masculina?. Em que pacientes pensa Freud ao redigir este manuscrito?

A **Carta de 15 de outubro** também nos suscita várias perguntas, tais como: O que foi, afinal, a auto-análise de Freud? Como Freud descobre o Édipo neste processo? Que consequências tem, para sua elaboração teórica, a absolvição do pai da suspeita de sedução? Porque tamanha insistência, neste momento, na figura da babá? Quando e como apresentará para o grande público suas descobertas?

São perguntas como estas que iremos responder ao longo deste trabalho, de modo a transformar esses achados iniciais, originais e condensados, em algo compreensível. O primeiro passo será dado no sentido de esmiuçar a metodologia de trabalho freudiano, no interior da qual afloram as novas descobertas.

Permitiremo-nos neste ponto da dissertação, uma certa desobediência ao nosso próprio rigor cronológico. Nosso trabalho localiza-se ao redor do ano de 1897, realizando pequenos recuos e avanços no tempo, de modo a acompanhar o processo de formação e de apresentação pública da idéia de Édipo. Neste ponto, contudo, não atentaremos rigidamente para uma lógica temporal. Pretendemos caracterizar o método de trabalho constituído por Freud que lhe permitiu pensar em Édipo, sem nenhuma preocupação em acompanhar sequencialmente a formulação progressiva deste método. De todo modo, nos referiremos sempre aos momentos iniciais da história da psicanálise, uma vez que aí se evidencia mais claramente a ruptura que Freud efetua com o modelo científico dominante.

3. A Metodologia Freudiana.

"Pois, a verdade é que não sou, de modo algum, um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, nem um pensador. Sou, por temperamento, nada além de um conquistador -um aventureiro, se você quiser que eu traduza- com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade que são características de um homem dessa espécie"¹³.

A obra de Sigmund Freud é, antes de mais nada, o fruto de uma aventura emocional e intelectual por ele protagonizada. Esta é a idéia chave do recente trabalho de Plastino¹⁴, que, não por acaso, escolhe a citação acima para abrir seu texto, fazendo além disso, questão absoluta de incluir a palavra **aventura** no próprio título escolhido.

Para Plastino trata-se, nesta carta, de uma auto-avaliação fiel e corajosa que Freud realiza, imediatamente após a conclusão de sua "A interpretação de sonhos", pois, neste momento, ele já se reconheceria -e

¹³ Carta de 01 de fevereiro de 1900. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed.Cit., p. 399.

¹⁴ Plastino, C. *A aventura freudiana: Elaboração e desenvolvimento do conceito de inconsciente em Freud*, Universidade federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Dissertação de mestrado, 1991.

admitiria-se- sensivelmente afastado do modo tradicional de fazer ciência¹⁵ . Este autor evidencia o novo modo freudiano de elaboração teórica, citando uma outra carta (anterior) de Freud a Fliess. Naquela oportunidade Freud enviava ao amigo um capítulo da primeira versão do livro dos sonhos:

"Aqui está. Foi difícil eu me decidir a deixar que saísse de minhas mãos. A intimidade pessoal não teria sido uma razão suficiente, foi preciso também nossa honestidade intelectual um com o outro. Ele segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o célebre princípio de Itzig, o viajante dominical: -Itzig, para onde você vai? -E eu sei? Pergunte ao cavalo. Não iniciei um só parágrafo sabendo onde ele iria terminar. É claro que o livro não foi escrito para o leitor; depois das duas primeiras páginas, desisti de qualquer tentativa de cuidar do estilo. Por outro lado, é claro que acredito nas conclusões. Ainda não tenho a mínima idéia da forma que finalmente assumirá o conteúdo"¹⁶ .

Mas de que trata este princípio de Itzig?

Estivemos em busca de informações complementares, e encontramos, em Anzieu¹⁷ , a indicação de um outro momento em que Freud utiliza a metáfora Itzig. Trata-se do sonho da "Cavalgada" (outubro/1898), o qual examinaremos suscintamente, tendo em vista apenas a questão aqui levantada.

O sonhador é um cavaleiro inseguro e desajeitado, que se compara com um colega. Este monta altiva e elegantemente. Há ainda outras referências a Freud estar numa situação vexatória e risível.

Freud, em suas associações, remete-se à perda de uma paciente, que passou a se tratar com o colega do sonho. Isto o esclarece sobre o simbolismo do **cavalo**: A **paciente** não lhe obedecia, o levava para onde ela própria pretendesse ir, "como o cavalo da anedota do cavaleiro dominical"¹⁸

¹⁵ Idem p. 51.

¹⁶ Carta de 7 de julho de 1898. In: *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed. Cit., p. 320..

¹⁷ Anzieu, D. *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p. 272.

¹⁸ Freud, S. *A Interpretação de sonhos (1900)*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (E.S.B.) Vol. IV*. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 246.

No sonho da Cavalgada, portanto, Freud queixa-se de sua falta de domínio, de sua dificuldade em afirmar-se virilmente (em cima do cavalo). Freud sofre, nesta ocasião, de uma doença -e fortes dores- na região genital (a informação é ele quem dá, a propósito de uma possível fonte somática para o sono), e bem podemos imaginar a importância deste elemento, num sonho em que se define como um cavaleiro desajeitado e sem controle da situação.

A metáfora do cavalo que guia seu cavaleiro é escolhida por Freud para também dar conta de seu processo de elaboração teórica. Neste caso, o **cavalo** é o **inconsciente** que domina e dirige o autor. Mas Freud não se percebe humilhado ou incapaz, aquiesce diante do fato de que as coisas se passam desta forma e vê, exatamente nesta participação do inconsciente, uma possibilidade de liberdade e criatividade do escritor.

Em "A Interpretação de Sonhos" Freud apresenta um trecho da correspondência do poeta Friedrich Schiller, que trata da criação poética, respondendo a um amigo que se queixa de produtividade insuficiente:

"O fundamento de sua queixa parece-me estar na restrição imposta por sua razão sobre sua imaginação. Tornarei minha idéia mais concreta por meio de um símile. Parece uma coisa má e prejudicial ao trabalho criativo da mente se a Razão proceder a um exame muito íntimo das idéias à medida que elas chegam a fluir -na própria comporta, por assim dizer. Encarado isoladamente, um pensamento pode parecer muito trivial ou muito fantástico, mas pode ser tornado importante por outro pensamento que venha depois dele, e, em conjunção com outros pensamentos que possam parecer igualmente absurdos, poderá vir a formar um elo muito eficaz. A Razão não pode formar qualquer opinião sobre tudo isso, a não ser que retenha o pensamento por bastante tempo para encará-lo em relação aos outros. Por outro lado, onde existe uma mente criativa, a Razão -assim se me afigura- relaxa sua vigilância sobre as comportas, e as idéias entram atropeladamente, e somente então ela as olha e as examina numa massa. -Vocês críticos, ou outra denominação que dêem a vocês mesmos, ficam envergonhados ou assustados com as extravagâncias momentâneas e passageiras que se encontram em todas as mentes verdadeiramente criativas e cuja duração, maior ou menor, distingue o artista que pensa do sonhador. Vocês se queixam de sua improdutividade

porque rejeitam muito cedo e discriminam com demasiada severidade"¹⁹.

Destaquemos aqui, que essa imagem quase hidráulica apresentada por Schiller, é na verdade compatível com a concepção freudiana do processo de produção de conhecimento. As idéias que brotam a partir do inconsciente têm o volume e a velocidade das águas, cabendo, ao sujeito que as pensa, certa tolerância com relação a um aparente desregramento. O eventual embotamento do sujeito nada tem a ver com o empobrecimento passivo; o crítico produziu inibição no criador.

Este assunto Freud conhece de muito perto, pois sua correspondência para Fliess atesta o sofrimento dos períodos de estagnação intelectual, que alternam com outros de exaltação criadora. Freud revela esta inibição, por exemplo, no início de sua auto-análise intensiva, no verão de 1897, e no período da grande depressão atravessada no primeiro semestre de 1900: "Tudo o que almejo é paz e algum conforto material. Não estou trabalhando e, portanto, há silêncio em mim"²⁰; e, "A sorte me abandonou; já não descubro coisa alguma que valha a pena"²¹.

Façamos uma interrupção neste momento, e voltemos para o início desta secção, onde tentava-se apresentar uma auto-descrição de Freud. Consideramos a hipótese de que Freud admitiria uma decisiva participação de seu inconsciente no processo de produção de conhecimento. Deixa-se, como Itzig (o cavaleiro), ser levado para caminhos não previamente imaginados. Vimos também que, para Freud, acatar a direção indicada pelo seu inconsciente não significaria uma afronta à sua virilidade científica. Por isto a auto-descrição de 1900 seria fiel e exata, ao acusar um desinteresse de Freud pelo modelo científico dominante.

¹⁹ Citado por Freud. In: A Interpretação de sonhos (1900) E.S.B. Ed.Cit., pp. 110-111.

²⁰ Carta de 08 de janeiro de 1900. In: Masson, J.M. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). Ed.Cit., p. 395.

²¹ Carta de 01 de fevereiro de 1900. In: Masson, J.M., Op.Cit., p. 399.

Causou-nos estranheza, contudo, os retoques finais dados por Freud a este auto-retrato. Pois é na mesma carta em que se define como um ousado aventureiro, que encontramos suas mais desalentadas queixas de ter sido "descartado à beira da estrada". Esta é a fase da inibição intelectual, e Freud diz-se abandonado pela sorte, já que não descobre mais nada.

Freud é um aventureiro licenciado (compulsoriamente), um conquistador impotente. Estes paradoxos são responsáveis, a nosso ver, por duas interpretações significativamente diferentes encontradas em Anzieu para a mesma auto-descrição de 1900.

Numa primeira versão, este autor caminha pelo viés da inibição e depressão. Freud atravessa a grande depressão do primeiro semestre de 1900, dada pelo insucesso de "A interpretação de sonhos" recém publicada, graves dificuldades financeiras, falta de pacientes, início do processo de separação em relação a Fliess, etc. As cartas deste período atestam que Freud, que devaneava frequentemente com cenas do mais absoluto sucesso, agora está tomado pelo espectro da pobreza. Por isso, a carta onde Freud se diz um aventureiro (derrotado), seria, para Anzieu, uma confissão da "grandeza de sua ambição e amargura de seu fracasso"²².

Somente numa segunda explicação apenas aparentemente oposta, é que encontramos concordâncias com a hipótese que examinamos. Na segunda versão Anzieu reconhece a ambição, a inibição e o fracasso, mas a ênfase é posta na determinação e independência. Freud estaria reafirmando sua intenção de "abrir caminho por si mesmo"²³ em sua vida científica, a despeito do preço que tenha que pagar por isto (períodos de abandono, dúvidas e paralisia). A carta evidenciaria a persistência de um impulso -que nós qualificaríamos de viril- originado na infância. O amor materno, no que ele tem de generoso e interesseiro (em termos libidinais), está na base deste impulso, que faz do

²² Anzieu, D. Op.Cit., p. 369.

²³ Idem., p. 399.

homem "um conquistador tanto feliz como sofredor"²⁴ . Mas isto já é assunto para o segundo capítulo; voltemos a Freud e sua inibição.

Considerando a dupla imagem de um Freud inibido e ousado (ou tenaz), procuraremos demonstrar, agora, que um método de trabalho que inclui a participação do próprio inconsciente do pesquisador, revelou-se não só um novo achado científico, mas principalmente uma necessidade imperiosa. Era, talvez, a única saída possível para seus momentos de paralisia e embotamento.

No mesmo triste começo de 1900, Freud está às voltas com o fim do tratamento de um paciente estimado. Depois de um período de euforias e certezas, Freud perde o rumo do processo e pensa em desistir. Na carta de 11 de março apresenta a solução encontrada: "Encontrei uma saída renunciando a qualquer atividade mental consciente, de modo a tatear às cegas entre meus enigmas. Desde então, tenho trabalhado, talvez, com mais habilidade do que nunca, mas realmente não sei o que estou fazendo"²⁵ .

Essas passagens são muito interessantes, ao revelar os detalhes da solução encontrada por um Freud deprimido, inibido e com a auto-confiança abalada. Ele diz ter se submetido a uma "dieta especial de assuntos intelectuais"²⁶ e ter vivido "como um burguês em busca do prazer": "Entrego-me a minha fantasias, jogo xadrez, leio romances ingleses; tudo o que é sério está proibido"²⁷ .

Freud mais uma vez desiste de ser o cavaleiro que se consome em tentativas de subjugar o cavalo. Ele, que usara das técnicas hipnóticas e de concentração mental, onde privilegiava seu raciocínio consciente e uma posição essencialmente ativa (e autoritária), decide liberar a si e ao paciente. Ambos devem acompanhar os novos encadeamentos de seus pensamentos,

²⁴ Anzieu, D. Op.Cit., p. 399.

²⁵ Carta de 11 de março de 1900. In: Masson, J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Ed.Cit., p. 405.

²⁶ Carta de 23 de março de 1900. In: Masson, J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Ed.Cit., p. 406.

²⁷ Carta de 11 de Março de 1900. In: Masson, J.M., Op.Cit., p. 405.

suprimindo a crítica prematura, conforme a recomendação de Schiller aos poetas. Ao paciente, recomenda-se ainda que se descosture de sua fala cotidiana, de sua argumentação convincente e de sua lógica justa, enfim, de seu arsenal consciente que se revela incapaz, por exemplo, de fazer frente a uma idéia obsessiva implacável e incompreensível.

Anzieu considera que Freud liberou sua imaginação, deixando falar seu inconsciente e passando, assim, de homem de talento a criador. Cita uma recomendação de Freud que fala por si só: "Quando se trata de tomar uma decisão de importância secundária, sempre achei útil os prós e os contras. Mas, nas questões vitais, como a escolha de uma esposa ou de uma profissão, a decisão deve vir do inconsciente, de algum lugar no interior de nós"²⁸.

O que estas falas de Freud atestam, em síntese, é que num dado momento de sua trajetória, após sucessivos embates e fracassos, ele se define por um profundo respeito pelo que emerge do inconsciente em direção a todas as áreas da vida humana. Será assim na escolha de um parceiro amoroso, de uma profissão, na forma de conduzir uma análise ou no processo de produção de conhecimento. "A construção da teoria sobre o inconsciente é inseparável da compreensão dos poderes do inconsciente", afirma Plastino²⁹, buscando dar uma idéia de como este processo foi sinuoso e doloroso por implicar toda a pessoa do autor, que admite expressamente ser a sua obra o seu próprio "monte de esterco"³⁰. Por isso mesmo é que este autor fala das "dificuldades desta empresa, na qual o saber procurado pela psicanálise pode ser comparado a uma chave encerrada num cofre que só pode ser aberto com esta mesma chave"³¹.

Plastino insiste incansavelmente na advertência de que é necessário um conhecimento, o mais claro possível, sobre a metodologia empregada por Freud

²⁸ Citado por Anzieu, D. In: *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Ed.Cit., p. 414.

²⁹ Plastino, C. Op.Cit., p. 13.

³⁰ Carta de 28 de Maio de 1899. In: Masson, J.M., *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed.Cit., p. 354.

³¹ Plastino, C. Op.Cit., p. 13.

na construção de sua teoria psicanalítica, sob pena de, isto não esclarecido, efetuar-se uma leitura simplista ou equivocada de sua obra. Voltaremos a isto mais adiante; por ora ainda nos dedicaremos à tarefa de definir, com alguma precisão, o modo freudiano de gerar conhecimento. Uma vez marcado o próprio inconsciente do autor como um dos pilares deste empreendimento, examinaremos agora o papel desempenhado pela clínica.

"La théorie, c'est bon, mais ça n'empêche pas d'exister"³². Freud diz ter ouvido esta advertência quando realizou um período de estudos na Salpêtrière, com Charcot (1885-86). O mestre falava ao discípulo temeroso de cometer insubordinação teórica, mesmo face a novas evidências clínicas. Freud, que por toda a vida admitirá a influência de Charcot em sua formação (inclusive no que diz respeito à mudança de interesses científicos: da ciência física à psicologia), teria gravado esta frase de maneira inesquecível. Charcot teria dedicado toda uma vida profissional a um mesmo hospital, tentando extrair algum significado do rico material que via e combatendo um vício da medicina onde "as pessoas enxergavam apenas o que tinham aprendido a ver"³³.

Charcot teria representado, portanto, certa ruptura com um modelo estereotipado de homem de ciência. Já conhecemos a auto-descrição apresentada por Freud onde se define como aventureiro ousado e tenaz, distante, por temperamento, de um ideal disciplinado de cientista. Suas descobertas afloram irregularmente, jorram com abundância ou escasseiam, obedecendo a um método de trabalho particular ao inconsciente. Gostaríamos de apontar, aqui, a semelhança entre esta auto-definição e o perfil que Freud traçara do seu mestre, sete anos antes, quando da morte deste último. "Não era Charcot um homem excessivamente reflexivo, um pensador", diz Freud, "tinha, antes, a

³² "Teoria é bom, mas não impede as coisas de existirem". Tradução apresentada In: Freud, S. Charcot (1893), E.S.B. Vol. III. Ed. Cit., p. 23.

³³ Freud, S. Charcot (1893). In: E.S.B. Vol. III, Ed.Cit., p. 22.

natureza de um artista -era como ele mesmo dizia, um 'visuel', um homem que vê"³⁴ .

Mesmo não pretendendo levar ao excesso a comparação entre os dois homens, e a tese da influência do neurologista francês sobre Freud, examinemos ainda a descrição que Freud faz do método de trabalho de Charcot. "Costumava olhar repetidamente as coisas que não compreendia, para aprofundar sua impressão delas dia a dia", explica Freud, "até que subitamente a compreensão raiava nele"³⁵ .

Estas mesmas persistência e obstinação clínicas brindam Freud com momentos de puros arroubos criativos. Entendemos que Plastino, ao tratar da questão "insight freudiano", faz uma importante advertência no que diz respeito à temática da participação do inconsciente no processo de elaboração teórica. Este autor ousa dizer que "Freud descobriu o inconsciente com seu próprio inconsciente"³⁶ , mas certamente não há nenhum tipo de leitura ingênua ou espontaneísta embutida aí. Pensamos que a compreensão só "rajava" em Freud, porque também ele seria um "visuel" a olhar obstinadamente o que não compreendia. Depois de ter insistido sobre a especificidade da epistemologia psicanalítica, Plastino adverte agora que "não se trata de atribuir a descoberta freudiana a uma súbita intuição, capaz de revelar, sem mais, um mundo novo"³⁷ . Do ponto de vista do descobridor, certamente que as novidades afloram subitamente, deixando-o agradavelmente atônito, porém há, de fato, um laborioso trabalho intelectual realizado pelo inconsciente do autor, e não o súbito aparecimento de uma revelação quase religiosa: "Trata-se, isto sim, de um trabalho de intelecção inconsciente, realizado sobre um longo caminho prévio de acumulação de conhecimentos e experiências conscientes"³⁸ .

³⁴ Idem.

³⁵ Freud, S. Charcot (1893), In: E.S.B. Vol. III, Ed. Cit., p. 22.

³⁶ Plastino, C. Op.Cit., p. 85.

³⁷ Idem.

³⁸ Plastino, C. Op.Cit., p.85.

Ao final desta breve exposição da metodologia freudiana, somos levados a definir a importância e o impacto do que foi dito, sobre o tema específico desta dissertação. As descobertas freudianas -sobretudo as mais iniciais e originais, como é o caso do complexo de Édipo- não são puras deduções teóricas que aparecem formidavelmente descritas e organizadas, coroando com êxito a lógica bem constituída de um sistema. Mas não são também, estas descobertas, puros estalidos do inconsciente do autor, que por uma especial capacidade de ouvir esta região da alma humana teria recebido, de um só golpe, a definitiva verdade. A trajetória freudiana não é portanto, a realização de um herói quase desumano; contrariamente, seu caminhar é lento, laborioso e por vezes contraditório.

O respeito ao peculiar modo freudiano de gerar conhecimento nos leva a examinar criticamente os trabalhos que apresentam um Freud sem dúvidas ou contradições, mesmo nos momentos de mudança teórica. Concordamos com Plastino em sua contundente crítica à leitura que fala de uma passagem imediata da teoria da sedução para um uso pleno dos conceitos de fantasia, sexualidade infantil e complexo de Édipo. Esta leitura, marcada pela idéia de brusca ruptura teórica, pode nos manter no desconhecimento das circunstâncias em que Freud descobre Édipo. Sustentaremos em nosso trabalho o ponto de vista de que a descoberta edípica não é uma saída espetacular para os impasses e fracassos da teoria da sedução. Pensamos que esta descoberta está muito mais atrelada à auto-análise de Freud, que encontra-se em trabalho de luto pela morte do pai, aterrorizado com suas culpas e vasculhando seus fantasmas. Entendemos também que esta nova noção irá escorregar para dentro da teoria, mas defendemos que Freud não apreenderá, de imediato, todas as suas consequências e implicações.

O trabalho de Plastino visa ao rigor conceitual, opõe-se a leituras supersimplificadas (tais como: a descoberta do Édipo significa o abandono de

todo "realismo" precedente, inaugura a entrada em cena das fantasias e define uma nova pedra angular para a teoria psicanalítica) e a uma "epistemologia exógena ao empreendimento freudiano"³⁹. Tentaremos acompanhar suas inquietações mas, antes de mais nada, esclareçamos a nossa própria intenção. Recuperar o percurso freudiano, com rigor e sem heroísmo, significa uma aproximação lenta, certamente algo detalhista, mas verdadeiramente curiosa, a algum tema que nos inquiete. Esta nos parece ser, afinal, a postura adequada a quem não se considera um "iniciado", tem dúvidas e quer entender.

Iniciaremos agora um percurso inspirado nessas reflexões iniciais e na seguinte frase:

"A descoberta do Édipo por Freud é, antes de mais nada, resultado de sua autoanálise"⁴⁰.

³⁹ Plastino, C. *Op.Cit.*, p. 14.

⁴⁰ Plastino, C. *Op.Cit.*, p. 71.

CAPÍTULO II

A AUTO ANÁLISE DE FREUD.

"Tudo o que experimentei com meus pacientes, na qualidade de terceiro, torno a encontrar aqui"¹.

A auto-análise de Freud consistiu basicamente no debruçar-se desse homem sobre seus sonhos e outras produções inconscientes, como suas recordações encobridoras, esquecimentos, e atos-falhos. Como sabemos, não há nenhum relato sistemático deste processo; nós teremos notícias dele através de alguns textos científicos ["A interpretação de sonhos" (1900), "Sobre os sonhos" (1901) e "A psicopatologia da vida cotidiana" (1901)]. e da correspondência particular de Freud a Fliess (1887-1904). Estes escritos podem ser considerados como os documentos da auto-análise.

Anzieu² realizou um notável trabalho a este respeito, ao reunir os fragmentos de cada produção inconsciente, dispersos ao longo dos vários textos. Datou e ordenou cronologicamente este material, esboçando, a partir daí, uma reconstituição do que teria sido esta análise original. Utilizá-los em grande escala deste trabalho, ainda que façamos algumas restrições a seu caráter por vezes excessivamente detalhista, e a uma certa intenção de revelar cabalmente o inconsciente de Freud.

Evitaremos propositalmente discutir certas questões sobre auto-análise que fogem de nossos objetivos atuais, embora possamos eventualmente ter opiniões sobre as mesmas. Sabemos que trata-se de um tema razoalmente

¹ Carta de 27 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro, Imago, 1986, p. 275.

² Anzieu, D. *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

polêmico e pouco apresentado em trabalhos acadêmicos. Mas isto não nos parece suficiente para que desistamos de nosso propósito, que é o de refazer o percurso edípico do modo o mais fiel possível ao caminho trilhado por Freud. É quase desnecessário explicitar que não nos move um interesse puramente biográfico. Queremos chegar à construção edípica, mas para isto, talvez seja necessário que sigamos, uma vez mais, a recomendação feita por Freud, em seu livro dos Sonhos:

"Agora devo pedir ao leitor que faça dos meus interesses os seus próprios por um período bastante longo, e mergulhe, juntamente comigo, nos menores detalhes de minha vida, porquanto uma transferência dessa natureza é peremptoriamente exigida (por nosso interesse no significado oculto dos sonhos)"³.

1. Os Primórdios da Auto-análise

1.1. Da auto-experimentação à auto-análise

Num sentido amplo podemos considerar que a análise de Freud iniciou-se com a primeira análise exautiva de um sonho próprio, o sonho da "Injeção feita a Irma", em 1895, fazendo-se presente até o final de sua vida⁴. Num sentido mais restrito - como procedimento regular e instrumento de reconstituição do passado- Anzieu propõe, no trabalho já citado, que a auto-análise de Freud teria se dado entre os anos de 1897 e 1899. O primeiro momento forte deste processo teria sido exatamente aquele em que se deu a descoberta de Édipo (outubro de 1897)⁵.

³ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (E.S.B.)** Vol. IV. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 113.

⁴ Ernest Jones afirma que a última meia hora de seu dia -soube- o pelo próprio Freud- era dedicada à auto-análise, até o final de sua vida. In: Jones, E. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 330.

⁵ Anzieu, D. Op.Cit., p. 346.

Mesmo considerando o risco de tornar a exposição detalhista, optamos por marcar esta questão das datas, porque aponta, mais uma vez, para o modo penoso e gradual de criação freudiana. Freud não se decidiu abruptamente por uma análise, sequer decidiu-se por iniciar uma análise, tal como concebemos esta decisão em nossos dias, pelo simples e bom motivo de que inicialmente não tinha, à sua disposição, tanto uma teoria quanto um método de tratamento psicanalíticos. Não tinha, sequer, uma atenção mais claramente voltada sobre si e suas dificuldades emocionais, nem uma avaliação de que a análise poderia fazer frente as mesmas.

Freud resolve, de início, submeter um sonho pessoal à análise sistemática porque pretende entender o significado dos sonhos, temática que se impõe a partir de sua clínica -com o uso cada vez mais regular da associação livre- e do próprio ambiente científico de então⁶. Parece-lhe natural recorrer à auto-experimentação, administrar a si próprio um método de interpretação que está nascedouro, pois assim fizera, por exemplo, em suas pesquisas sobre a cocaína.⁷

Se uma ambição intelectual pode ser encontrada na raiz do processo de auto-análise, apenas podemos considerá-la condição necessária, porém não suficiente, para o estabelecimento em definitivo e manutenção desta análise. Freud certamente padecia de sofrimento neurótico (humor sombrio, inibição intelectual, sentimentos de impotência e fracasso, crises de angústia de morte), mas nem mesmo isso o levaria obrigatoriamente à análise. Por diversas vezes nos anos de 1894 e 1895, por exemplo, recorre a outras explicações e terapêuticas, como à teoria da periodicidade e às cirurgias nasais de Fliess.

"A decisão em si mesma, de abalar-se a tarefa", considera Jones, "estava longe de ser uma empresa de vontade livre ou de motivação deliberada.

⁶ "A questão do sonho (se encontra) na ordem do dia nas pesquisas psicológicas, médicas e literárias, pelo fim do século XIX" In: Anzieu, D. Op. Cit., p. 37.

⁷ Anzieu, D. Op. Cit., p.33.

Não houve a chispa repentina do gênio, mas a progressiva intuição de uma necessidade"⁸ e "uma pressão progressivamente intensa das forças do inconsciente"⁹. Houve, sobretudo, a morte de seu pai em outubro de 1896.

1.2. A morte do pai e o sonho "Pede-se fechar os olhos" (outubro/1896):

A Dimensão parricida do complexo de Édipo

Examinemos sucintamente a atitude de Freud diante do adoecimento e morte de Jacob Freud. Inicialmente a doença do pai é tratada por Freud basicamente como um obstáculo ao "congresso" que pretende ter com Fliess, e pelo qual anseia como "pela saciação da fome e da sede"¹⁰. Enquanto aguarda uma definição do quadro do pai, empreende cálculos dos "períodos" favoráveis a ambos os partícipes para o encontro, e, embora tenha consciência de que estes são os últimos dias do velho"¹¹, parece só ter olhos para Fliess. Freud demonstra aceitar com surpreendente realismo a iminente morte do pai, já referindo-se a ele nos tempos verbais passados, declarando não se deprimir com a perda e, até mesmo desejando que ela ocorra prontamente¹².

Naquela ocasião Freud parecia acreditar que a morte, mesmo de um personagem central na biografia do sujeito, pudesse ser encarada com dor moderada, uma certa indiferença face à aceitação da realidade implacável, e que pudesse deixar de produzir ressonâncias inconscientes. Eis que Jacob morre, de fato, e Freud muda o tom de seu discurso. "Por um daqueles obscuros caminhos por trás da consciência oficial", enxerga Freud, "a morte de meu

⁸ Jones, E. Op.Cit., p. 323.

⁹ Idem, p. 327.

¹⁰ Carta de 30 de junho de 1896. In: Masson, J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Ed. Cit., p. 194.

¹¹ Carta de 15 de julho de 1896. In: Masson, J.M. Op. Cit., p. 195.

¹² "O estado do velho, a propósito, não me deprime. Não lhe regateio o merecido repouso que ele próprio deseja. Ele foi um ser humano interessante, muito satisfeito consigo mesmo; está sofrendo muito pouco agora e vai se extinguindo com decência e dignidade. Não lhe auguro uma doença prolongada". (obs. grifo nosso). In: Carta de 15 de julho de 1896. . Op. Cit., p. 196.

velho me afetou profundamente"¹³. Mais ainda: o filho perceberá que algo de diferente acontece-lhe agora, pois "todo o passado foi reavivado por esse acontecimento"¹⁴. Faz o sonho "Pede-se fechar os olhos" (na noite seguinte ao funeral) e o comunica a Fliess (é a primeira comunicação escrita a Fliess de um sonho).

No sonho "**Pede-se fechar os olhos**" temos o sonhador lendo um cartaz que contém esta inscrição. **Fechar os olhos**, pondera Freud, possui tanto um sentido físico como um sentido moral. Na primeira acepção tem-se o cuidado do filho para com o pai morto, o último dever filial que acabara de cumprir (o ritual de cerrar-lhe os olhos). A conotação moral aponta para todas as dívidas de Sigmund para com Jacob. Ele providenciou um cerimonial muito simples, e além disso atrasara-se para o enterro: é o sonhador quem pede **fechar os olhos** às suas faltas, suplica tolerância e indulgência.

Para Freud, o sonho evidencia a existência de uma "tendência à auto-recriminação que costuma instalar-se entre os que permanecem vivos"¹⁵

Para Anzieu, significa que "foi necessário este luto doloroso, para que Freud sentisse voltar, de sua infância, um sentimento oculto de culpa por seu pai"¹⁶.

O que aprenderemos mais tarde, com o próprio Freud, é que, para qualquer intensidade de culpa, há de existir um impulso hostil proporcional, embora inconsciente. A necessidade de perdão que toma conta do filho, diz respeito não meramente às faltas atuais e circunstanciais; "o que contava para o sonhador", radicaliza Conrad Stein, "era que tinha sido ele o artesão da morte de seu pai"¹⁷.

¹³ Carta de 02 de novembro de 1896. In: Op. Cit., p. 203.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Carta de 02 de novembro de 1896. In: Masson, J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Ed. Cit., p. 203.

¹⁶ Anzieu, D. Op. Cit., p. 80.

¹⁷ Citado por Anzieu, D. Op. Cit., p. 81.

A morte do pai produzirá efeitos surpreendentes na carreira de Freud. É assim que, depois de um período relativamente curto em que admite expressamente não sentir ânimo e prazer de viver¹⁸, encontraremos o autor em plena fertilidade de idéias. Este é o seu estado -empreendedor e criativo- por ocasião do manuscrito N (maio/1897), escrito sete meses após o desaparecimento de Jacob

A hipótese levantada por Anzieu é a de que o luto empurrou Freud para um intenso trabalho psíquico, centrado na tomada de consciência do intrincado de amor e ódio que nutre pelo pai. Freud teria adquirido uma visão trágica do homem, além de ter conquistado uma diminuição de suas inibições. "Ei-lo prestes a recorrer a um herói da lenda grega, para conceitualizar sob uma forma mais estruturada e concreta o conflito das pulsões e das defesas", aponta Anzieu para um novo Freud, que emerge em meio ao luto pela morte do pai¹⁹.

Desnecessário registrar que as coisas não se passam de um modo absolutamente cristalino, sobretudo para o olhar do próprio sujeito afetado. Serão necessários doze anos para que Freud manifeste suas concepções sobre este período: A morte do pai, observará então, é o "evento mais importante, a perda mais pungente da vida de um homem"²⁰; sua auto-análise e o Livro dos Sonhos foram, sem que Freud soubesse, a reação de seu inconsciente àqueles momentos de aflição e revivescência dos sentimentos da infância.

¹⁸ Carta de 22 de Novembro de 1896. In: Masson, J. M. Op. Cit., p. 205.

¹⁹ Anzieu, D. Op. Cit., pp 83 e 117.

²⁰ Freud, S. A interpretação de sonhos (prefácio à segunda edição, 1908). In: E.S.B., Vol. IV.

1.3. A relação com Fliess

Antes de passarmos às produções inconscientes que denominamos genericamente de "Sonhos Edípicos", acrescentaremos algumas palavras finais sobre Fliess e sua participação na análise de Freud.

Wilhelm Fliess é o amigo de Berlim, médico especialista de nariz e ouvido, com quem Freud manterá uma correspondência calorosa e íntima, e também encontros periódicos, por aproximadamente 17 anos (1887-1904). Este relacionamento é de excepcional importância, dentre outras coisas, porque está presente no nascimento e desenvolvimento da psicanálise, e também em todo o processo de auto-análise sistemática.

No período que estamos considerando nesta dissertação, Freud mantinha com Fliess uma relação intelectual e afetiva marcada por admiração, fascínio e reverência. Para Freud é Fliess a figura que vem fazer frente a seu desamparo: "Quando volto a ver sua letra, vivo momentos de grande alegria, que me permitem esquecer grande parte de minha solidão e carência"²¹. O tom das cartas é claramente passional e Freud manifesta expressamente o afeto que o amigo lhe desperta: "Sua generosidade é uma das razões porque o amo"²². Anzieu chama a atenção para o uso, por parte de Freud, de metáforas femininas (sobretudo quando descreve seus "períodos" e fases críticas), e compara algumas infundáveis discussões entre os amigos a "querelas de apaixonados"²³.

No plano teórico Fliess destacava-se por uma concepção original -e bizarra- das alterações psicológicas. Generaliza aos dois sexos o caráter periódico das regras femininas: O ciclo masculino é mais curto, observa-se no

²¹ Carta de 08 de Dezembro de 1895. In: Masson, J. M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed. Cit., p. 155.

²² Carta de 12 de junho de 1895. In: Masson, J.M. *Op. Cit.*, p. 132.

²³ Anzieu, D. *Op. Cit.*, pp 71-72.

homem supuração nasal (equivalente menstrual), dor de cabeça, fatigabilidade, irritabilidade e humor triste em seus "períodos"²⁴.

Freud submeteu-se como paciente a várias recomendações e terapêuticas de Fliess: cauterização da mucosa nasal, aplicação local de cocaína, suspensão do fumo, observação dos ciclos próprios e de parentes, etc. Quando se engaja no processo de auto análise põe o amigo, via cartas, a par de seus percalços. Mesmo nesta nova aventura solitária, Freud reserva um lugar para Fliess, o ouvinte atento e encorajador.

2. Os "Sonhos Edípicos"

Passemos agora ao exame das produções inconscientes de Freud, que denominaremos doravante de "Sonhos Edípicos". Pretendemos com esta denominação, indicar qualquer tipo de material inconsciente contemporâneo à descoberta teórica de Édipo, e ao qual possamos atribuir algum nível de participação nesta descoberta. Não propomos aqui nenhuma análise exaustiva, "completa" ou "verdadeira" dos sonhos em questão. Resulta, a nosso ver, em tola pretensão a tentativa de se realizar uma (risível) análise póstuma do fundador da psicanálise.

"Nada que é humano é estranho a mim": Freud incorpora, segundo Jones, o dito de Terêncio²⁵. A despeito da sua tradicional formação de homem de ciência, paulatinamente Freud coloca-se em pé de igualdade com o objeto que pretende investigar. Admite dentro de si mesmo a existência de fenômenos que começa a observar na clínica, e que apontam inequivocamente para a existência de um mundo novo, desconhecido, que não se confunde em absoluto com a realidade aparente de nossa existência. A exploração de si mesmo oferece a

²⁴ Idem., p. 75.

²⁵ Jones, E., Op. Cit., p. 324.

Freud um grande poder de convencimento no tocante à correção de suas hipóteses teóricas. É este processo que pretendemos examinar.

Discutiremos nesta secção as seguintes produções inconscientes de Freud:

- | | |
|---|------------------|
| 2.1) O sonho do "Tio de barba amarela" | (fevereiro/1897) |
| 2.2) O sonho "Via Secerno" | (abril/1897) |
| 2.3) O sonho "Hella" | (maio/1897) |
| 2.4) O sonho "Subir as escadas despido". | (maio/1897) |
| 2.5) O sonho "Cabeça de carneiro" | (outubro/1897) |
| 2.6) A recordação encobridora da "Cena do armário" | |
| 2.7) O sonho do "Médico zanolho" | (outubro/1897) |
| 2.8) O ato-descuidado da "Injeção na velha senhora" | (outubro/1897) |

2.1) O sonho do "Tio de barba amarela" (fevereiro/1897).

"I. Meu amigo R. era meu tio. Tinha por ele um grande sentimento de afeição.

II. Vi seu rosto diante de mim, algo mudado. Era como se tivesse sido repuxado no sentido do comprimento. Uma barba amarela que o circundava, se destacava de maneira especialmente nítida"²⁶

O sonho é relatado por Freud em várias secções de sua "A interpretação de sonhos", e, em carta a Fliess de 15 de março de 1898 é citado de passagem. Observe-se portanto, que só encontraremos registro do sonho quando já é decorrido mais de um ano de sua produção, o que torna mais complexa a tarefa de identificar as conclusões tiradas por Freud em primeira mão..

O que estava em curso na vida de Freud, por ocasião do sonho, era uma tentativa de nomeação como professor extraordinário, processo este que se iniciara com a recomendação de seu nome por dois ilustres professores. Na noite que precede o sonho, o amigo R. o visita e o faz saber das restrições

²⁶ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: E.S.B., Vol. IV, p. 147.

que pesam sobre os judeus (ambos) para o ingresso na universidade, fato que acabara de confirmar junto a funcionários do Ministério da Educação.

Ao empreender a análise do sonho, Freud apresenta estas considerações iniciais, e acompanha três linhas associativas:

- a) Tio lembra-lhe **tio Joseph** que esteve envolvido em negócios desonestos e foi punido pela lei. Jacob declara que o irmão não é mau, porém **simplório**.
- b) O **rosto alongado** pertence ao tio **Joseph**, idem a barba loura, **R** também tem uma **barba amarela**, vale dizer, grisalha, assim como Freud.
- c) Com relação a **delito**: **R** cometeu acidentalmente um delito banal e **N** (outro amigo indicado para o cargo de professor) foi acusado (injustamente) de um crime mais sério.

A conclusão impõe-se a Freud: O sonhador pretende acusar **R**. de simplório; eis o real motivo pelo qual **R**. não foi nomeado professor. Freud mesmo, "caráter sem mácula", pode ser professor em paz. As advertências de **R**. foram removidas do caminho do sonhador e voltam-se contra o próprio amigo inoportuno²⁷.

Resta ainda compreender o **grande sentimento de afeição** que inunda o sonhador. Freud, intérprete do sonho, trata este afeto com estranheza, questiona sua autenticidade, tanto porque não o reconhece nas relações cotidianas com o amigo, quanto porque o afeto opõe-se a todo conteúdo latente evidado de hostilidade. "Meus pensamentos oníricos continham uma calúnia contra **R**., e, a fim de que eu não pudesse notá-la, o que aparecia no sonho era o oposto, um sentimento de afeição por ele"²⁸, reconhece Freud a inversão do afeto (que teria sido a primeira pista para a descoberta da censura onírica).

²⁷ "Se a nomeação de meus amigos **R**. e **N**. tinha sido adiada por motivos 'sectários', minha própria nomeação também estava aberta à dúvida; se, contudo, eu podia atribuir a rejeição de meus dois amigos a outra razão, que não se aplicavam a mim, minhas esperanças permaneciam intocadas". In: Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) Ed. Cit., p.149

²⁸ Idem, p.151.

Freud, até então alegara relativa indiferença e resignação face à improbabilidade de sua nomeação; agora a interpretação do sonho o põe cara a cara com um ardente desejo de tornar-se professor. Incomoda-o porém, a facilidade com que se apressa em caluniar os amigos, em sonho, com o fito de manter viva sua esperança. Enquanto Freud não apreender o desejo infantil que alimenta o sonho, ressentir-se-á com a incompatibilidade entre o desejo inconsciente e seu senso ético-vigil, estará às voltas com uma ambição que só lhe restará denominar de "patológica"²⁹. O passo seguinte necessário será perguntar-se pela gênese desta ambição, e, neste ponto, teremos oportunidade de nos aproximar da questão que nos interessa especialmente neste trabalho.

"Na época de meu nascimento, uma velha camponesa profetizara à minha orgulhosa mãe que, com o nascimento de seu primeiro filho, ela trouxera ao mundo um grande homem"³⁰, associa Freud. Recorda-se também de outra feliz previsão, quando aos 11 anos de idade lhe é dito, em presença dos pais, que provavelmente será um ministro. Neste ponto as recordações de Freud recuperam seu viço original, gostaríamos de ressaltar, fazendo-o lembrar-se de seu contentamento e crença nesta segunda profecia, inclusive porque o ambiente social de então era feliz e promissor (governo liberal composto inclusive por ministros judeus).

Mas agora, na realidade atual, Freud não é ministro e acredita estar sendo barrado no ingresso à Universidade exatamente por um ministro anti-semita. Freud observa a repetição do termo **ministro** e conclui sua interpretação do sonho: "Ao maltratar meus dois eminentes e eruditos colegas porque eram judeus, e ao tratar um deles como simplório e outro como criminoso, estava-me comportando como se eu fosse o Ministro, colocara-me no lugar do Ministro. Invertendo as posições de Sua Excelência com vingança: Ele

²⁹ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) Ed. Cit., p.203.

³⁰ Idem.

se recusara a me nomear professor extraordinário e eu me vingara no sonho tomando-lhe o lugar.³¹.

Anzieu não concorda com esta interpretação em que Freud põe ênfase no desejo infantil, vendo nisso uma estratégia para negar sua ambição atual: "...a explicação é muito bonita, para ser inteiramente verdadeira. Aliás, a apresentará a Fliess, como um meio de escapar às suas críticas... Freud não está maduro para se reconhecer realmente ambicioso. Sua negação é uma confissão"³². Anzieu não aposta, como Freud o faz, na linha que faz derivar, ambos, a calúnia contra o amigo e o desejo atual de conquistar o título de professor, de uma ambição infantil. Este autor aposta na linha R = tio = Joseph = pai, e, é a partir daí que pretende definir este sonho como edípico.

Vejamos isto mais atentamente. O sonho do "Tio de barba amarela" resume-se ao aparecimento de um rosto. O rosto é, ao mesmo tempo, do amigo R. e do tio Joseph, um rosto indistinto porque condensado, enfim, uma figura composta. "O que fiz", diz Freud, "foi adotar o procedimento pelo qual Galton produzia retratos de família: a saber, projetando duas imagens sobre uma chapa única, de modo que certas feições comuns a ambas fossem realçadas, ao passo que aquelas que deixam de ajustar-se uma a outra se cancelam e ficam indistintas no quadro. Em meu sonho com meu tio, a barba dourada emergia proeminentemente de um rosto que pertencia a duas pessoas e que estava consequentemente indistinto"³³. Jacob também imprimira suas marcas na composição deste personagem, pois, acrescentará Freud de passagem, "a barba envolvia ainda uma alusão a meu pai e a mim mesmo"³⁴. Freud não avançará nesta linha associativa, mas é neste lugar que Anzieu pretende se localizar.

Anzieu centraliza sua atenção nesta idéia de que o personagem do sonho é uma figura compósita -à maneira das fotografias de Galton- e que esta figura

³¹ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Ed. Cit., pp 204-205.

³² Anzieu, D. Op.Cit, p. 121.

³³ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Ed. Cit., p. 313.

³⁴ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Ed. Cit., p. 313.

abriga traços do pai. Daí tira sua principal conclusão sobre o sonho do "Tio de barba amarela": "A censura que o sonho dirige a R. visa também ao pai, pelo que é compreensível que um irmão dele o tenha substituído... A ternura toda especial que Freud dedica a seu pai esconde outro sentimento. As censuras que a noite das exéquias lhe produziram já eram testemunho disto"³⁵.

A relação atual com Fliess -símbolo de todos os amigos rivais- ao repetir este padrão de relação marcado pela simultaneidade de intensa afeição e desconcertante hostilidade, favoreceria o reconhecimento, em Freud, da ambivalência para com o pai. Esta ambivalência seria, para Anzieu, a contribuição essencial do sonho.

Em seus comentários finais do sonho, este autor embute -ainda que sem explicitar totalmente- sua hipótese básica: O sonho do "Tio de barba amarela" é um sonho de "Édipo hipócrita" e Freud teria se dado conta disto. Recuperemos o percurso de Anzieu.

Freud, em acréscimo (de 1911) ao Livro dos Sonhos, denomina o sonho do "Tio de barba amarela" de sonho "hipócrita" (a excessiva afeição encobre o desejo inconsciente de caluniar o amigo), traçando-lhe um paralelo com os sonhos de reconciliação com Fliess (o desejo inconsciente é libertar-se em definitivo do ex-amigo). No parágrafo seguinte Freud trata especificamente dos "Sonhos falsos de Édipo", onde o conteúdo edípico é sofisticadamente disfarçado (um amante, sedento de ocupar junto à mulher o lugar do marido gravemente doente, sonha que o abraça e beija). Anzieu trata, segundo nosso entendimento, todo o acréscimo de 1911 como se fosse uma associação-livre do sonhador produzida muitos anos mais tarde. É assim que pode, com este artifício, dizer o que Freud conscientemente não disse: O sonho do "Tio de barba amarela" é um sonho de "Édipo hipócrita", onde o sonhador raivoso finge afeição ao pai.³⁶

³⁵ Anzieu, D. Op. Cit., pp 121-122.

³⁶ Anzieu, D. Op.Cit., p. 123.

A nosso ver, a hipótese freudiana a cerca da ambição infantil não significa necessariamente "um belo exemplo de racionalização"³⁷, como pretende Anzieu, nem precisa ser descartada, para, somente por outra vias, detectar-se alguns elementos da problemática edipiana presentes e pressentidos por Freud nos sonhos imediatamente anteriores à descoberta teórica de Édipo. Freud admite sua **ambição** de tornar-se professor, entendendo -ainda que de modo não sistematizado- que, **professor** é um deslizamento de outros títulos almejados em infância: **grande homem e ministro**. Falta a ele, ao que nos parece, uma explicação convincente para a origem desta ambição, pois o valor mesmo das profecias não pode deixar de lhe suscitar descrença. É incompreensível a inflação de orgulho e imodéstia de seus primeiros anos e sua sobrevivência nos dias atuais.

O sonho do "Tio de barba amarela" parece-nos ser um sonho de nostalgia . Freud, em suas associações, identifica este afeto, mas não sabe dizer claramente do que tem saudades. "Meu sonho me levava de volta do presente árido às prazenteiras esperanças dos dias do Ministério Bürger"³⁸, arrisca Freud, retomando comoventes cenas domésticas de infância onde a família e o pequeno Freud rejubilam-se pelas circunstâncias políticas³⁹. Recordemos que o sonho passa-se num universo masculino (os amigos R. e N., tio Joseph, o pai, Freud, o ministro, dois professores), mas a associação-livre trouxe a mãe do sonhador em júbilo pelo seu nascimento, recebendo-o orgulhosa e cheia de felizes expectativas. Recordemos também que Freud tem por mãe uma jovem "viva, doce e alegre... cujo amor apaixonado e orgulhoso por seu primogênito forneceu a ele estímulos precoces e uma grande familiaridade com o desejo incestuoso"⁴⁰. Acaso não seria esse derramamento de amor incestuoso a origem de seus protestos ambiciosos e a fonte de sua nostalgia?. Mais ainda: Não

³⁷ Idem., p. 121.

³⁸ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: E.S.B., Vol IV, p. 204.

³⁹ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: E.S.B., Vol IV, p. 204.

⁴⁰ Anzieu, D. Op. Cit., p.23.

seria esse amor materno pré-condição para o estabelecimento de um amor impaciente e possessivo que prevê a eliminação do rival?

2.2) O sonho "Via Secerno" (abril/1897).

"Recebia um telegrama com este endereço. Vi-o impreso em azul no formulário telegráfico. A primeira palavra era vaga:

'Via, talvez
ou 'villa'
ou possivelmente mesmo 'Casa';
A segunda estava clara: 'Secerno'⁴¹.

O sonho é descrito por Freud em sua "A interpretação de sonhos" e, com mais detalhes, em carta a Fliess de 28 de abril de 1897.

"Ontem a noite tive um sonho a seu respeito"⁴², abre Freud a carta e o coração para o amigo. "Era uma mensagem telegráfica sobre seu paradeiro"⁴³, identifica o desejo claramente realizado, pois Freud admite expressamente estar vivendo dias de tristeza e irritação em função do amigo ausente e em endereço ignorado.

Em seguida lista, ainda que com moderação, uma série de queixas contra Fliess. Direta ou indiretamente todas elas dão conta de um ressentimento pelo abandono e não reciprocidade na relação, conforme vividos por Freud. "O sonho", admite ele, "reúne toda a minha irritação com você, que está inconscientemente presente em mim"⁴⁴.

Há um desgosto especial em Freud, por Fliess ter ido passear sem ele precisamente na Itália. "A Itália exerce sobre este homem de cultura judaica e germânica sua fascinação de civilização universal. A Renascença italiana, a

⁴¹ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) Ed. Cit., p. 337.

⁴² Carta de 28 de Abril de 1897. In: Masson, J.M. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). Ed. Cit., p. 237.

⁴³ Carta de 28 de Abril de 1897. In: Masson, J.M. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). Ed. Cit., p. 237

⁴⁴ Idem, p. 238.

arte etrusca, e sobretudo as ruínas romanas o atraem", atesta Anzieu⁴⁵. No plano emocional, há em Freud um fascínio maior e difícil de ser explicado: para lá viaja quando em férias, nutre um desejo ardente -e uma inibição proporcional -de ir especificamente à Roma, e tudo o que almeja é um "congresso" com Fliess em solo italiano.

Freud percebe que está tomado de irritação e que esta se dirige a Fliess, avaliando assim, com correção, o papel excepcionalmente central que o amigo desempenha em sua vida mental. Podemos imaginar, contudo, que viva essa constatação com angústia, embaraço e sem compreendê-la plenamente. É por isso que se escuda atrás de uma pretensa incompatibilidade teórica -Fliess não estaria colaborando na consolidação da teoria da sedução- para justificar sua inexplicável sensibilidade aos atos de Fliess. Para Anzieu este sonho é um prova cabal do caráter maciçamente transferencial da relação estabelecida⁴⁶.

2.3) O sonho "Hella" (maio/1897)

"Recentemente sonhei ter sentimentos excessivamente afetuosos por Mathilde, só que ela se chamava Hella; depois tornei a ver 'Hella' diante de mim, impresso em tipos grandes"⁴⁷.

O sonho é descrito apenas em carta a Fliess, estando ausente de "A interpretação de sonhos".

No relato, Freud passa apenas de raspão pelo sonho, inicialmente considerando dados objetivos que justifiquem a troca de nomes ("Mathilde" por "Hella": Hella é o nome de uma sobrinha norte americana, chegou uma foto dela pelo correio e a filha Mathilde está fascinada pela mitologia grega) e, em seguida, localizando no campo teórico o desejo que o sonho realiza.

⁴⁵ Anzieu, D. Op. Cit., p. 93.

⁴⁶ Anzieu, D. Op. Cit., p. 126.

⁴⁷ Carta de 31 de maio de 1897. In: Masson, J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Ed. Cit., p. 250.

"O sonho, é claro, mostra a realização do meu desejo de encontrar um Pater como originador da neurose", diz Freud, "e, desse modo, pôr fim a minhas dúvidas reiteradas"⁴⁸. Tomarei emprestada a minha própria figura, serei eu mesmo um pai sedutor, parece querer dizer Freud, tão somente porque preciso manter de pé um presuposto teórico que balança há alguns meses.

Para Anzieu trata-se inequivocamente de um sonho incestuoso com a filha mais velha; sob o rótulo "sentimentos excessivamente afetuosos" deve-se encontrar conteúdo sexual semelhante ao descoberto na clínica de histéricas. "Freud se identificou com o pai de família ignóbil que emporcalha sua filha, faz abortar as mulheres, abusa da criadagem feminina"⁴⁹, é o que assevera Anzieu, fazendo alusão a vários delitos praticados pelos chefes de família, segundo Freud.

A linha interpretativa de Freud é produto de resistência, ainda que abrandada. "Não sou eu que penso nestas coisas, são os outros que, ao fazê-lo, me fazem pensar nisto"⁵⁰, traduz Anzieu a estratégia freudiana, que, de todo modo, ainda que faça preceder o pensamento incestuoso de sua forma negativa, possibilita ao sonhador algum nível de proximidade com o desejo censurado.

2.4) O sonho "Subir as escadas despido" (maio/1897).

"Sonhei que estava subindo uma escadaria, vestido com pouca roupa. Eu me movimentava, como o sonho enfatizou explicitamente, com grande agilidade (Meu coração-reasseguramento!). De repente, porém, percebi que uma mulher vinha em meu encalço e, nesse momento, instalou-se a sensação, tão comum nos sonhos, de estar pregado naquele lugar, de estar paralizado. A sensação concomitante não foi de angústia, e sim de excitação erótica"⁵¹.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Anzieu, D. Op. Cit., p. 130.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Carta de 31 de maio de 1897. In: Masson, J. M. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). Ed. Cit., p. 250.

O sonho "Subir as escadas despido" é relatado a Fliess na mesma carta em que Freud o informa do sonho "Hella". Esta carta -de 31 de maio de 1897- é considerada como excepcionalmente importante, dado se fazer acompanhar do **Rascunho N**, primeira referência à temática edípica (a descoberta, nas neuroses, de impulsos hostis para com o genitor de mesmo sexo). O sonho é também apresentado, com algumas modificações, em "A interpretação dos sonhos".

As associações de Freud apontam para a noite anterior, quando ele subira as escadas que ligam seu consultório à residência, pulando os degraus e ligeiramente desalinhado. O sonho aproveita-se desta cena e amplifica o desalinho, e, o sonhador aparece quase **despido**.

Na cena de vigília, Freud havia sido tomado pelo pensamento de que poderia cruzar, descomposto, com algum vizinho na escada; no sonho há um **desejo exibicionista** sendo realizado⁵² e uma mulher aproxima-se do sonhador.

A **mulher** para quem o sonhador se exhibe, reconhece Freud, é a **empregada** de uma paciente (as **escadas** do sonho não são as de Freud, mas as da casa da paciente que ele visita diariamente). "A criada com quem sonhei era mais velha que eu, grosseira e longe de ser atraente"⁵³, surpreende-se Freud, que admite a natureza sexual do sonho, mas não consegue entender o critério utilizado na escolha de sua parceira. Recordava-se apenas de ter sido repreendido por esta senhora, no dia anterior ao sonho, por ter sujado um tapete com os pés. Isto servirá como uma pista para a descoberta que Freud fará aproximadamente cinco meses mais tarde, relativa à verdadeira identidade desta personagem.

⁵² "Sonhos de estar desnudo são sonhos de exibição", esta é a fórmula geral apresentada por Freud, no contexto dos Sonhos Típicos. In: Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). E.S.B., Vol. IV, p. 260

⁵³ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). E.S.B., Vol. IV, p. 254.

Façamos uma pequena pausa neste momento e recordemos o trajeto percorrido. Freud perde o pai, em outubro de 1896, ao que reage fazendo o sonho "Pede-se fechar os olhos", um contundente pedido de desculpas a Jacob. Mostra-se abalado⁵⁴, pensa na própria morte -havia passado por transtornos cardíacos três anos antes- mas logo está animado e produtivo⁵⁵. Envia para Fliess nos meses seguintes, um considerável volume de descobertas teóricas (como noções de aparelho psíquico e de zonas erógenas) e de novos casos de sedução sexual.

Freud está, a esta altura, no encalço de adultos perversos que teriam empreendido atitudes bizarras e sórdidas contra crianças. Procura-os na história individual de cada paciente, encontrando, via de regra, o pai ignóbil (mas também o tio, o irmão, o avô, a babá). Sobre seu próprio caso conclui em fevereiro/1897: "Infelizmente, meu próprio pai foi um desses pervertidos e é responsável pela histeria de meu irmão e de várias das irmãs mais moças"⁵⁶.

Ocorre, no entanto, que Freud não convive apenas com a certeza. Na mesma carta em que acusa o pai, manifesta estranheza com relação a sua hipótese teórica, uma vez que ela pressupõe uma espantosa incidência de pervertidos sexuais. As cartas à Fliess deste período revelam sutilezas inimagináveis ao avançar do pensamento freudiano. É que Freud, mais ou mais simultaneamente: 1) desconfia, 2) reafirma a correção de sua hipótese, 3) empreende tentativas de fusão de sua teoria à teoria da Periodicidade de Fliess, e 4) esboça a construção de um novo conceito -a fantasia- situado no limiar entre a produção inconsciente e a realidade. Freud, assim nos parece, atira em todas as direções, isto é, acolhe novas e velhas idéias, inclusive eventualmente

⁵⁴ "O que me falta por completo são o ânimo e o prazer de viver. Carta de 22 de Novembro de 1896. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed. Cit., p. 205.

⁵⁵ "Meu período ruim chegou a termo... estou totalmente ocupado". In: Carta de 04 de dezembro de 1896. In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. 205.

⁵⁶ Carta de 08 de fevereiro de 1897. In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. 232.

divergentes, realizando um percurso onde a coerência não está escancarada em seu texto, mas em sua disposição à liberdade de pensamento.

Voltemos ao trajeto e às novas paisagens descortinadas. Enquanto continua as voltas com a hipótese da sedução paterna, Freud faz o sonho "Tio de barba amarela" (fevereiro/1897), onde reivindica seu status infantil (o "grande homem" de sua mãe). Faz também -e comunica a Fliess- sonhos de queixumes amorosos ("Via Secerno")⁵⁷, de uma relação incestuosa com a filha ("Hella")⁵⁸ e, finalmente, um sonho em que se exhibe despido para uma mulher velha, feia e grosseira ("Subir as escadas despido")⁵⁹. Anexa à Carta de 31 de maio de 1897, onde apresenta estes dois últimos sonhos, o Rascunho N onde indica o ódio ao genitor de mesmo sexo. Depois disso Freud esteve embotado e paralisado intelectualmente⁶⁰.

A partir deste momento há uma mudança substancial no discurso de Freud. Queixa-se de uma total impossibilidade de escrever, passando a usar o termo neurose para caracterizar o seu estado emocional⁶¹. Em agosto/1897 revela a providência tomada: iniciou uma muito árdua análise, que é a sua própria⁶². Isto parece dar-lhe coragem para ir fundo na sua descrença relativa à teoria da sedução, e manter-se, mesmo assim, vigoroso e determinado⁶³. Estamos então em outubro, e Freud deposita em sua auto-análise todas as suas melhores expectativas⁶⁴.

⁵⁷ Carta de 28 de abril de 1897. In: Mason, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed. Cit., p. 237.

⁵⁸ Carta de 31 de maio de 1897. In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. 250.

⁵⁹ *Idem*.

⁶⁰ Carta de 18 de junho de 1897. In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. 253.

⁶¹ Carta de 22 de junho de 1897. In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. 256.

⁶² Carta de 14 de agosto de 1897. In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. 262.

⁶³ Carta de 21 de setembro de 1897. In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. 265.

⁶⁴ Carta de 03 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. *Op.Cit.*, p. p.269.

Neste outubro, Freud retoma a interpretação do sonho "Subir as escadas despido". É auxiliado nesta tarefa, por recordações veiculadas em novos sonhos e por informações obtidas junto à própria mãe. Ambos referem-se a um personagem de sua tenra infância, a **babá** Nannie: "Segundo o que me contou minha mãe há não muito tempo, ela era **velha e feia**, mas muito perspicaz e eficiente"⁶⁵.

A babá, recorda-se agora o próprio Freud, nem sempre lhe dispensava um tratamento amável, e "suas palavras poderiam ser ríspidas se eu deixasse de alcançar o padrão necessário de limpeza"⁶⁶. Velha, feia e exigente em termos de limpeza: estas características também pertencem à empregada do sonho, que só pôde aí adentrar por obedecer a estes pré-requisitos. Freud já consegue, então, entender o critério adotado por seu inconsciente na escolha de uma parceira sexual, conforme o sonho "Subir as escadas despido": a empregada nada mais é do que a "reencarnação da velha ama pré-histórica"⁶⁷.

A Carta de 03 de outubro de 1897 parece-nos ser uma oportunidade primorosa para que observemos as nuances e sutilezas do processo de mudança em Freud. Nesta carta temos os primeiros informes sobre a auto-análise sistemática, de onde surge com destaque a figura da babá. "Meu velho não desempenha nenhum papel ativo em meu caso"⁶⁸, diz Freud, absolvendo o pai e passando a insistir no personagem da babá, a quem chama de seu "originador primordial".

Chama-nos a atenção os adjetivos escolhidos por Freud para falar de Nannie. Ele ainda fala de um adulto que possui características negativas e que maltrata uma criança: A babá é velha, feia, grosseira ao reclamar de higiene e ladra. Freud chega mesmo a acreditar que ela se dava a estranhas

⁶⁵ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B., Vol. IV, p. 263.

⁶⁶ Idem

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Carta de 03 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). Ed. Cit., p. 269.

intimidades com ele, lavando-o em água de menstruação (Vide sonho "Cabeça de Carneiro"). Mas ela é também "esperta", interessada em apresentar-lhe o seu universo religioso⁶⁹ e teria infundido em Freud uma opinião elevada sobre suas próprias aptidões.

O que significa, neste contexto, dizer que a babá teria sido seu "originador primordial"? O texto é bastante condensado e pouco claro, mas, ainda que Freud diga estar atrás das "cenas propriamente ditas", não parece reduzir a questão a possíveis sevícias que feriram a sensibilidade da criança, pois, diz ele, esta velha senhora lhe proporcionou "os meios de sobreviver e de prosseguir vivendo"⁷⁰. A novidade que surge, portanto, neste outubro de 1897 é aquela enunciada na ultimação da interpretação do sonho "Subir as escadas despido": "É razoável supor que a criança amava a velha que lhe ensinava estas lições, apesar do tratamento ríspido que ela lhe dispensava"⁷¹.

2.5) O sonho "Cabeça de carneiro" (outubro/1897)

"Ela era minha mestra em assuntos sexuais e reclamava por eu ser desajeitado e incapaz de fazer qualquer coisa. (A impotência neurótica sempre aparece dessa maneira. O medo de não ser capaz de fazer nada na escola obtém seu substrato sexual). Ao mesmo tempo, eu via o crâneo de um pequeno animal e, no sonho pensava em 'porco', mas, na análise associei isso com seu desejo de dois anos atrás de que eu encontrasse no Lido, como fez Goethe, um crânio que me pudesse esclarecer. Mas não o encontrei. Portanto fui um cabeça dura. Todo o sonho estava repleto das mais mortificantes alusões a minha impotência atual como terapeuta. Talvez seja disso que decorre a inclinação a acreditar na incurabilidade da histeria. Além do mais, ela me lavava numa água avermelhada em que se havia banhado antes (a interpretação não é difícil; não encontro nada semelhante a isso na cadeia de minhas lembranças; portanto, encaro-o como uma autêntica descoberta do passado distante). E ela me fazia furtar zehners (moedas) e dá-los a ela. Há uma longa sequência que vai desde esses primeiros zehners de prata até a pilha de notas de dez

⁶⁹ "Muito me ensinou sobre Deus Todo-Poderoso e o inferno". In: Masson, J.M. Carta de 03 de outubro de 1897. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). Ed. Cit., p. 269

⁷⁰ Carta de 03 de outubro de 1897. In: Masson, J. M. Op.Cit., 269

⁷¹ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B., Vol. IV, p. 263.

florins que vi no sonho como o dinheiro das despesas domésticas semanais de Martha. O sonho poderia ser resumido como 'mau tratamento'. Assim como a velha recebia dinheiro de mim pelo mau tratamento que me dispensava, hoje recebo dinheiro pelo mau tratamento dado a meus pacientes. Um papel especial foi desempenhado pela Sra. Q. cujo comentário você me relatou: que eu não deveria cobrar nada dela, já que era esposa de um colega (ele, é claro, impôs a condição que eu cobrasse)"⁷²

Este sonho foi comunicado a Fliess em Carta de 03 de outubro de 1897, a mesma carta citada anteriormente e que traz um grande volume de descobertas da auto-análise.

O sonho traz os sentimentos de incapacidade e as queixas de Freud sobre maus tratos recebidos.

Bastos⁷³ entende que na carta de 03/10/1897 Freud quer mesmo dizer que foi seduzido pela babá, uma mulher velha e feia como uma bruxa. Mas a autora lembra que, no mesmo texto, Freud fala de uma viagem noturna que fez com a mãe. Passaram a noite juntos, ele possivelmente a viu nua e teve sua libido despertada, é o que ele informa. Isto faz a autora pensar que, ao insistir na babá, Freud está pondo em curso uma duplicação da figura da mãe: Aquela que seduz é a babá velha e feia; da mãe jovem e nua tem apenas a lembrança de um despertar da própria libido.

Para Bastos esta carta traria os germes da nova teoria da sedução que aparecerá nos "Três ensaios sobre a sexualidade" (1905). "Não há mais uma perversão desautorizada", diz a autora, "A perversão é autorizada, necessária, proveniente dos cuidados maternos que a mãe (ou substituta) dispensam à criança. O corpo da criança é manipulado, estimulado e seduzido por um adulto. Este adulto não é mais o pai, não é mais um perverso. Este adulto é

⁷² Carta de 03 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed. Cit., p. 270.

⁷³ Bastos, L. *Eu-Corpando: Uma leitura dos conceitos de Ego e de Corpo na obra freudiana*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Dissertação de Mestrado, 1991, p.118.

a mãe. A perversão do corpo infantil é o efeito do investimento libidinal adulto no corpo da criança"⁷⁴.

2.6) A recordação encobridora da "Cena do armário"

"Minha mãe não se encontrava em parte alguma; eu chorava desesperado. Meu irmão Philipp (vinte anos mais velho que eu) destrancou um armário para mim e, quando não achei mamãe lá dentro, chorei ainda mais, até que, esguia e linda, ela entrou pela porta"⁷⁵.

Desta vez Freud relata a Fliess não mais um sonho, porém a lembrança de uma cena que atinge sua consciência reiteradamente, e que teria ocorrido antes do seu quarto ano de vida. Discorre sobre esta recordação na mesma carta em que apresenta o sonho do "Médico zarolho" e a descoberta do Édipo. Voltará à recordação em sua "A psicopatologia da vida cotidiana".

Nesta carta -de 15 de outubro de 1897- Freud volta a repetir que "Minha auto-análise, é de fato, a coisa mais essencial que tenho no momento"⁷⁶. Queixa-se porém, de ela ter estancado por três dias, quando se sentiu "amarrado por dentro", como seus pacientes. A explicação que encontra à mão é a dos períodos de Fliess. Estivera em estado semelhante há exatos 28 dias, portanto a súbita parada é consequência de um estado menstrual masculino⁷⁷.

Mas Freud já pode também esboçar uma idéia nova, própria, mesmo que não tanto ao agrado de Fliess. Por isto diz: "É claro que a pausa teve também outro determinante -a resistência a algo surpreendentemente novo"⁷⁸.

Este pequeno exemplo serve para evidenciar, mais uma vez, as sinuosidades do percurso freudiano. Na mesma carta em que apresenta a

⁷⁴ Bastos, L. Op.Cit., p.119.

⁷⁵ Carta de 15 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). Ed. Cit., p. 272.

⁷⁶ Carta de 15 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904). Ed. Cit., p. 271.

⁷⁷ "Deve-se extrair disso a conclusão de que a menstruação feminina não é conducente ao trabalho". In: Carta de 15 de outubro de 1897. In: Mason, J.M. Op. Cit., p. 271.

⁷⁸ Carta de 15 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. Op. Cit., p. 271.

descoberta edípica, Freud pensa-se recém saído de uma menstruação, valorizando uma idéia muito cara à Fliess. Mas ele não para aí; se assim o fizesse, jamais teria construído uma teoria psicanalítica, jamais teria rompido com Fliess, etc. Ele tem uma nova idéia, e, diremos aqui, Freud usa nestes tempos férteis de idéias -mas também de dúvidas- uma quase estratégia de sobrevivência. Ainda não é hora de deixar Fliess, por isto Freud acumula explicações completamente diferentes (que apontam inclusive para campos diferentes: orgânico e psíquico), como se fossem complementares e harmônicas. Retendo Fliess, mas pensando (como) Freud, ele segue em frente rumo a "algo surpreendentemente novo".

A recordação da "Cena do armário" aparece, nesta carta, como "prova inteiramente irrefutável"⁷⁹ de que as recordações da infância são autênticas. O sonho "Cabeça de carneiro" trouxe a babá como ladra e a conversa com a mãe confirmou esta hipótese (com pequenas correções); agora Amalia conta que a babá foi presa e Freud quer provar que guarda uma lembrança precisa desta separação. Recorre a uma outra cena (cena do armário), de uma época posterior e que envolve outros personagens.

Freud tem diante de si uma cena, uma imagem visual cujo sentido lhe escapa, e que insiste em reaparecer uma vez mais: Ele chora desconsolado e aborrecido em frente a um armário que o irmão abriu; depois chega a mãe esguia e linda. "Sentia-me tentado a explicar a cena como uma lembrança de estar sendo importunado pelo meu irmão mais velho e que minha mãe pôs um fim nisso"⁸⁰, admite Freud. Mas emprestar este sentido à cena seria banalizá-la, seria prosseguir no desconhecimento de onde colocar o "acento psíquico"⁸¹. Assim pensando, Freud constrói uma nova hipótese: O menino sentira a falta da mãe e passara a suspeitar que ela estivesse trancada no armário. Exigira do

⁷⁹ Idem, p. 272.

⁸⁰ Freud, S. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: E.S.B., Vol VI, p. 75.

⁸¹ Idem.

irmão que abrisse o armário, e, como a mãe não estivesse lá, passou a chorar mais inconformado. Surge a mãe e o menino fica aliviado.

Duas questões se colocam: Por que a escolha da criança recaiu exatamente sobre o **armário**, definindo-o como o lugar de onde sairia a mãe? Por que a criança recorre precisamente ao **irmão Philipp**? A conversa com Amalia responde a segunda pergunta. Ela informa que no episódio de **prisão da babá**, coube justamente ao meio-irmão Philipp a tarefa de buscar um policial (após a descoberta de que ela roubava brinquedos e moedas do pequeno Freud). Isto é suficiente para Freud acreditar que ele sempre soube e conservou este conhecimento da implicação de seu irmão neste episódio. Constrói uma nova cena que teria se passado do seguinte modo: O menino não ficou indiferente à separação e foi saber com o irmão onde estava sua Nannie. Philipp teria reagido com trocadilhos, dizendo que a babá fora "trancafiada" ou "encaixotada" (eingekastelt). "Naquela época entendi essa pergunta de maneira infantil (ou seja, literalmente), mas parei de fazer perguntas", retoca Freud a sua cena intermediária. "Quando senti a falta de minha mãe pouco tempo depois", articula finalmente Freud, "suspeitei que meu perverso irmão fizera com ela o mesmo que já havia feito com a babá, e por isso o forcei a abrir o armário (kasten)⁸²".

A recordação da "Cena do armário" traria, portanto, valiosos dados de realidade percebidos pelo pequeno Freud e mantidos intactos em sua memória, referentes ao episódio de prisão da babá. Mais tarde Freud retomará a interpretação em outros termos.

Em nota de rodapé acrescentada em 1924 à "A psicopatologia da vida cotidiana", Freud não se dá por satisfeito com a interpretação, retomando a pergunta: Por que a escolha da criança recaiu exatamente sobre o **armário**? A explicação linguística (armário = Kasten; (babá) encaixotada = eingekastelt) é

⁸² Freud, S. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: E.S.B., Vol VI, p. 76

insuficiente, e Freud centra sua atenção num fato contemporâneo à Cena do armário: o **nascimento de uma irmãzinha**. **Olhar dentro do armário** significa olhar dentro do corpo da mãe; trata-se de tentativas de fiscalização e controle sobre o corpo materno (cheio ou vazio): "Ele de maneira nenhuma concordava com esse acréscimo à família, e estava preocupado e desconfiado porque o corpo da mãe ainda talvez contivesse mais crianças"⁸³.

A segunda conclusão desta interpretação tardia refere-se a **Philipp**. Philipp, como **irmão-grande** (vinte anos mais velho), presta-se muito bem ao papel de **pai e rival**. "Mandara encaixotar a babá" e "ainda havia mais outra suspeita contra ele, a saber, que de alguma maneira introduzira o recém-nascido no interior da mãe"⁸⁴.

O grande desejo que se realiza na recordação encobridora da "Cena do armário", portanto, é livrar-se de um novo bebê e do irmão -grande rival. A mãe, que entra pela porta, e magicamente produz um apaziguamento na ansiedade da criança, é não somente **linda**, mas sobretudo **esguia**. É precisamente sua silueta afinada que lhe confere beleza; desta forma o reencontro é perfeito, o menino se reencontra com sua mãe não-grávida, sua mãe de antes (do bebê intruso), sua mãe só sua.

Recordemos ainda que Freud percebeu bastante cedo -embora de modo não sistematizado- o papel desempenhado pelos **irmãos** no drama edípico. Na carta de 03 de outubro de 1897 -a famosa carta onde despeja um considerável volume de descobertas de análise- temos as primeiras informações sobre a chegada do seu primeiro irmão. Julius nasce quando Sigmund, o primogênito, tem apenas um ano e meio. Sigmund recebe o irmão com ciúmes e hostilidade. Julius morre

⁸³ Idem.

⁸⁴ Freud, S. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: **E.S.B.**, Vol VI, p. 76

logo depois (aos seis meses) e a auto-análise revela que "a morte dele deixou em mim o germe das auto-recriminações"⁸⁵. A recordação encobridora da "Cena do armário" diz respeito ao nascimento da segunda irmã, Anna (Sigmund tem aproximadamente dois anos e meio), e a uma nova onda de ciúmes.

A mesma carta (de 03 de outubro) faz referência ao primeiro amigo. Trata-se de um sobrinho um ano mais velho (John), companheiro de primeiras travessuras e cúmplice nas brincadeiras crúeis (contra uma sobrinha mais nova que ambos). Sabemos, por outros textos, que a relação com John é intensamente ambivalente: ele é o amigo rival e Freud não quer se deixar dominar por um sobrinho mais velho. Estaria configurado assim o modelo inconsciente para as futuras amizades de Freud.⁸⁶.

As relações de parentesco na família Freud não são propriamente típicas. Sigmund possui dois meio-irmãos (Emmanuel e Philipp, este último personagem da "Cena do armário"), ambos muito mais velhos que ele (mais de vinte anos de diferença nas idades), nascidos de um primeiro casamento do pai. No início da vida de Sigmund, ambos os irmãos moram em casas bastante próximas, já sendo o mais velho casado e pai dos seus companheiros de brincadeira (John e Pauline). A mãe (Amalia) é muito mais jovem que o pai (Jacob), tem aproximadamente a mesma idade dos meio-irmãos.

Anzieu acredita que tais circunstâncias impuseram uma dificuldade extra à Freud na resposta ao enigma "De onde vim?". "Sigmund, criança em Freiberg, deve ter classificado, espontaneamente, seus circunstantes, por casais de acordo com a idade, da seguinte maneira:

- Jacob e Nannie, as pessoas 'idosas' (cerca de quarenta anos).
- Emmanuel e sua esposa, tio e tia (entre vinte e cinco e trinta anos).
- Philipp e Amalia, os adultos jovens (um pouco mais de vinte anos).

⁸⁵ Carta de 03 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed. Cit., p. 269.

⁸⁶ Anzieu, D. *Op.Cit.*, p. 431.

-John e Pauline, seus sobrinhos, poderiam ser primos de sua idade"⁸⁷.

Nesta circunstância, Jacob seria visto como "patriarca respeitado, tolerante e bom, a quem considera mais como um avô"⁸⁸, e, os dois meio-irmãos mais velhos encarnariam a "figura paterna repressiva"⁸⁹. Philipp, segundo a suspeita do pequeno Freud apresentada na "Cena do armário", manteria relações amorosas com Amalia, engravidando-a. Eis aí, portanto, os intrincados e as sutilezas do seu drama edípico, os elementos que conferem singularidade aos seus amores de infância.

2.7) O sonho do "Médico zarolho" (outubro/1897).

"Sonhei com alguém que eu sabia, em meu sonho, ser o médico da minha cidade natal. As feições eram indistintas, mas se confundiam com a fotografia de um dos professores da minha escola secundária, com quem ainda me encontro ocasionalmente"⁹⁰

O sonho é descrito por Freud em "A interpretação de sonhos" citado, de passagem, em carta a Fliess de 15 de outubro de 1897, juntamente com a recordação encobridora da "Cena do armário" e o anúncio da descoberta edípica. Encontramos ainda várias referências aos personagens e episódios que sustentam o sonho, em diferentes secções de "A interpretação de sonhos", no artigo sobre "Lembranças encobridoras" (1899) e nas "Conferências Introdutórias" (1916).

Tratar-se-ia, segundo Freud, de mais um sonho que evidencia o fenômeno de regresso de lembranças longínquas e autênticas da remota infância. O sonho "Cabeça de carneiro" traz a **rispidez** e os furtos da babá; a recordação encobridora da "Cena do armário", as circunstâncias de sua prisão, e, agora, o sonho do "Médico zarolho" traz a recordação do médico da infância de Freiberg.

⁸⁷ Anzieu, D. Op.Cit., p. 154.

⁸⁸ Anzieu, D. Op.Cit., p. 431.

⁸⁹ Idem., p. 107.

⁹⁰ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B., Vol. IV, p. 17.

O sonho de "Médico zarolho" resume-se a um rosto e um afeto, seguindo um modelo que já encontramos no sonho do "Tio de barba amarela". O personagem do sonho é o **médico** de sua primeira infância, mas seu rosto apresenta traços de um **professor** da escola secundária. Trata-se de uma figura compósita, como Freud já aprendera a identificar naquele sonho em que juntava, em um mesmo rosto, o amigo que traz más notícias com o tio simplório.

O afeto presente no sonho é de uma "grande dose de **ressentimento**"⁹¹ dirigido a esse personagem, que Freud trata, a nosso ver, quase que como um "ser de duas cabeças". Sobre a "cabeça-professor", Freud dirá de uma relação agradável no curso secundário, não reconhecendo o ressentimento do sonho. Sobre a "cabeça-médico" Freud silencia e recorre, mais uma vez, a mãe, partner valorosa desta etapa de auto-análise.

É fácil observar que Freud, em outubro de 1897, mesmo após um anúncio do abandono das cenas reais de sedução como agentes causadoras da histeria (em 21 de setembro), e após uma conceitualização inicial sobre as fantasias (a partir de janeiro), e, ao mesmo tempo em que recorre ao Mito de Édipo para falar de nossas compulsões internas, mesmo nestas circunstâncias, nós dizíamos, Freud busca as "cenas reais" de sua infância. O pensador está mordido pela idéia de que os sonhos e sua auto-análise podem lhe devolver sua infância perdida (esquecida), exatamente como ela ocorreu. Se não há lembrança consciente, os sonhos lhe devolvem os fatos perdidos. Resta somente recorrer à mãe, espécie de guardiã da (sua) realidade, para conferir a exatidão dos sonhos.

A resposta da mãe é alentadora, pois o médico, que Freud não lembra, tem uma semelhança física com o professor de quem ele se recorda muito bem: ambos tinham **um olho só**. Freud rejubila-se por mais um acerto produzido em sonho:

⁹¹ Carta de 15 de outubro de 1897. In: Masson, J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Ed. Cit., p. 272.

as lembranças são exatas, o sonhador é perspicaz e as analogias, um primor⁹². "Fazia trinta e cinco anos que vira o médico pela última vez, e, que eu saiba, nunca pensara nele em minha vida de vigília"⁹³, diz Freud. No plano consciente, portanto, Freud limita-se, neste momento, a constatar que o professor emprestou sua figura de um olho só para fazê-lo recordar-se do antigo médico. O sonho, ao que nos parece, como um túnel do tempo devolve personagens do passado engolidos pelo inconsciente. Inconscientemente, talvez, Freud tenha aprendido mais com este sonho do que sabe dizer em 1897.

Em 1899 Freud registrará um acidente sofrido antes dos dois anos de idade: uma queda que abre o seu queixo, provocando considerável perda de sangue, a intervenção de um médico (para dar pontos) e deixando uma cicatriz definitiva.

Neste artigo de 1899 -"Lembranças Encobridoras"- Freud não tece comentários sobre a identidade do médico, não estabelece nenhuma ligação entre o acidente e o sonho do "Médico zarolho", nem examina o significado emocional do episódio. O que está em foco é a questão teórica das lembranças encobridoras: Para acontecimentos de inquestionável importância, ocorridos na infância, não encontramos nenhum registro consciente. Teria sido assim, no seu caso, com o nascimento de uma irmãzinha⁹⁴, a mudança de Freiberg para Viena e o acidente que acaba de relatar.

Nas edições de "A interpretação dos sonhos" posteriores a 1909, Freud enfim junta as informações trazidas no relato do sonho (sobre o médico), e aquelas veiculadas no artigo sobre lembranças encobridoras (sobre o acidente). Foi precisamente o **médico de um olho só** quem atendeu o pequeno Sigmund por ocasião do acidente. Freud emenda a frase original, onde se mostrava surpreso

⁹² "Mamãe então me disse que o médico de minha infância tinha um olho só e, dentre todos os meus professores, o Professor Kraus era o único com o mesmo defeito". In: Masson, J.M. Carta de 15 de outubro de 1897. Op.Cit., p. 272.

⁹³ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B., Vol. IV, p. 17.

⁹⁴ Para este fato -nascimento da irmã Anna- Freud encontrará em 1924, como já vimos, a recordação encobridora equivalente. (Cena do armário).

com o ressuscitar do médico em sonho ("Fazia trinta e cinco anos que vira o médico pela última vez, e que eu saiba, nunca pensara nele em minha vida de vigília"), considerando agora, que a marca em seu corpo possivelmente fez deste médico um personagem realmente inesquecível. Emenda Freud: "embora uma cicatriz em meu queixo talvez me fizesse recordar das suas atenções para comigo"⁹⁵. Freud acrescenta uma vírgula e uma nova reflexão.

Anzieu aproveita-se desta reflexão e conclui: "Esta cicatriz inscreveu em sua carne o castigo por seus desejos incestuosos"⁹⁶. O médico de um olho 'so, portanto, fez por merecer o **ressentimento** do pequeno Freud (afeto que o sonho revive), afinal é ele quem impõe castigos corporais irreversíveis.

Queremos finalmente chamar a atenção do leitor para o significativo -e articulado- volume de informações que já acumulamos, a esta altura, sobre a história primitiva do homem que acabou por descobrir o complexo de Édipo. O que interessa sublinhar aqui, é que o campo edípico é muito mais complexo e menos esquemático ou monótono do que se poderia prever. O pai morto, o pai perverso, a babá religiosa -amorosa e má, a mãe nua e linda, o irmão -grande rival, o filho culpado, duas profecias sobre o sucesso, cenas domésticas felizes, a irmãzinha bebê-intruso, o professor tolerante e o médico odiado, etc., enfim, trata-se de um grande emaranhado de personagens e acontecimentos. Pensamos que cada história de Édipo é fruto de uma combinatória irrepetível de elementos. Cada Édipo, ainda que obedecendo à certa regularidade universal, é único.

2.8) O ato-descuidado da "Injeção na velha senhora" (outubro/1897).

'Uma senhora muito velha tem sido visitada por mim duas vezes por dia durante alguns anos. Na minha visita matinal meus serviços médicos limitam-se a duas ações. Coloco algumas gotas de colírio no olho dela e lhe dou uma injeção de morfina. Dois frascos estão sempre preparados: um azul com o colírio e um branco com a solução de morfina.

⁹⁵ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B., Vol. IV, p. 17.

⁹⁶ Anzieu, D. Op.Cit., p. 150.

Durante as duas operações meus pensamentos sem dúvida usualmente estão ocupados com alguma outra coisa; já agi assim tantas vezes que minha atenção comporta-se como se fosse livre. Uma manhã notei que o automatismo havia errado no trabalho. Eu havia colocado o conta-gotas no frasco branco em vez de no azul, e colocara morfina no olho em vez de colírio"⁹⁷.

O ato-falho é descrito por Freud, somente alguns anos mais tarde, em "A psicopatologia da vida cotidiana" (1901). É o próprio autor, neste texto, que situa este ato-falho às portas da descoberta edípica.

"Fiquei muito assustado", confessa um Freud cioso de suas responsabilidades médicas, "e depois me tranquilizei ao refletir que algumas gotas de solução de dois por cento de morfina não poderiam causar dano no saco conjuntival"⁹⁸. A paciente, a consciência e a reputação do médico saem ilesos do episódio aparentemente banal, mas o susto que tomou conta do agente do ato-descuidado -a despeito de seus conhecimentos farmacológicos- indica que existe um algo mais que merece ser analisado: "O sentimento de medo obviamente derivava de outra fonte"⁹⁹

"Ao tentar analisar este pequeno engano", recorda Freud, "pensei inicialmente na frase **"atentar contra a mulher velha"**¹⁰⁰. "Eu estava sob influência de um sonho que me havia sido contado por um homem jovem¹⁰¹ na noite anterior, e cujo conteúdo só podia ser interpretado no sentido da relação sexual com sua própria mãe"¹⁰², avança Freud, indicando onde procurar suas associações

Freud, portanto, vai visitar sua idosa paciente tomado pelo sonho incestuoso de um outro paciente. Está quase pronto para dar ao Mito de Édipo

⁹⁷ Freud, S. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: E.S.B., Vol. VIII, p. 218.

⁹⁸ Freud, S. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: E.S.B., Vol. VIII, p. 218.

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ Esta tradução da frase original alemã é apresentada na Edição Standard Brasileira. (O tradutor avisa que o verbo utilizado por Freud pode ter também o significado de "errar" ou "agredir"). A edição brasileira do livro de Anzieu, mencionado várias vezes, prefere a seguinte tradução: "Profanar a velha".

¹⁰¹ Anzieu julga ter elementos para afirmar tratar-se aqui do "jovem obsessivo", de quem falaremos no próximo capítulo.

¹⁰² Freud, S. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: E.S.B., Vol. VIII, p. 219.

uma aplicação universal, conforme ele mesmo admite¹⁰³. Neste contexto comete o engano da injeção, que acaba por iluminá-lo.

A explicação de Freud para a relação entre o ato-descuidado da "Injeção na velha senhora" e sua descoberta edípica, é muito suscinta, e, por isso, enigmática. Anzieu oferece a seguinte versão para os fatos : Freud já teria quase todas as condições para aplicar o Mito de Édipo à psicologia do inconsciente. Seu único problema seria a idéia de **destino, fatalidade**, onde os desígnios dos deuses se cumprem a despeito das vãs tentativas humanas em contrário. O pensamento da modernidade recusa o simples recurso à fatalidade exterior, uma vez que o homem se pensa como artífice do mundo.

Eis então que Freud, que pretendia tratar, é impelido a "profanar a velha". Isto o leva a compreender que estivera a ponto de emprestar seu braço à fatalidade¹⁰⁴. Freud não acredita em superstições, sua weltanschauung é a científica, e pensa, portanto, numa fatalidade sim, porém construída a partir de dentro, a partir do inconsciente do sujeito. É esta compulsão interna universal, de matar o pai e casar com a mãe, que a lenda grega capta.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Anzieu, D. Op.Cit., p. 153

CAPÍTULO III

A CLÍNICA E O MITO

Ao se debruçar sobre suas produções inconscientes, Freud recupera uma história primitiva marcada por intensos desejos incestuosos e parricidas. A formulação do Édipo, contudo, pressupõe consultas a outras fontes, de modo a ultrapassar os limites de sua experiência individual. Freud recorre a seus pacientes e à cultura (através do mito do Édipo), conforme examinaremos neste capítulo. Teremos oportunidade também, nesta parte do trabalho, de observar como foi feita a primeira apresentação pública desta nova formulação, em "A interpretação de sonhos". (1900).

1. A Clínica Psicanalítica: O jovem obsessivo.

Freud apresenta, em dois momentos de sua "A interpretação de sonhos", relatos muito curtos de um paciente, obsessivo grave, dominado pelo terror de cometer homicídios em série. A análise teria evidenciado um impulso para matar, derivação do desejo parricida infantil, e conduzido o paciente à recuperação.

Anzieu confere um papel extraordinário a este paciente no processo de descoberta do Complexo de Édipo. Afirma que estamos diante do primeiro paciente do sexo masculino acompanhado por Freud em psicanálise¹. Seu

¹ Este autor utiliza o ano de 1898 como marco do estabelecimento em definitivo de um método psicanalítico de tratamento, definido enquanto procedimento centrado na associação-livre. Recorre ao artigo "A sexualidade na etiologia das neuroses", onde Freud defende a desvinculação de seu método psicanalítico de todo procedimento sugestivo. In: Anzieu, D. *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p. 158.

tratamento teria se dado desde pelo menos 1895 até 1900, acompanhando portanto pari passu a auto-análise de Freud e as descobertas psicanalíticas mais iniciais². Estamos, segundo o entendimento deste autor, diante do paciente que conduziu Freud à descoberta edípica³.

1.1. O relato freudiano.

A) A inserção do jovem obsessivo em "A interpretação de sonhos" (1900):

Considerações sobre o desejo infantil.

O sonho é uma propriedade emocional e intelectual do sonhador, onde este goza de máxima liberdade para, usando um código rigorosamente exclusivo, realizar seus desejos inconscientes. Esta é a regra geral do livro dos sonhos, até que Freud restringe a liberdade do sonhador, ao tratar de sonhos de construção e significado universais.

Uma das categorias de sonhos típicos admitidos é a de sonhos sobre a morte de pessoas queridas, acompanhados de pesar e aflição. Nestes casos Freud não transige e afirma um inquestionável significado hostil: o desejo de que a pessoa em questão venha a morrer. Concede apenas que não se trata, via de regra, de um desejo atual e consciente, mas da sobrevivência de desejos infantis⁴.

Mas de que infância fala Freud? Ele sabe que existem representações da infância prevalentes na cultura, incompatíveis com a hipótese de um ódio arcaico. Defenderemos a tese de que o próprio Freud oscilava, nesta ocasião,

Laplanche e Pontalis defendem que o método de associação-livre foi descoberto paulatinamente entre os anos de 1892 e 1898, a partir de métodos pré-analíticos de investigação do inconsciente. In: Laplanche J. e Pontalis, J.B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo, Martins Fontes, 1979, p.72.

² Anzieu, D. Op. Cit., p. 69.

³ Idem, pp 153-154.

⁴ Freud, S. A interpretação de sonhos (1900) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (E.S.B.)** Vol. IV. Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 265.

entre uma concordância com o discurso dominante sobre a infância e iniciativas de desconstrução deste discurso.

Vejamos o que se passa quando Freud trata dos sonhos de crianças. Ele os caracteriza como sonhos curtos, desinteressantes, puras realizações de desejos banais (como comer o alimento preferido ou fazer um belo passeio)⁵. O desejo infantil é pensado como algo que se revela a olho nú, por que é essencialmente simples, coerente e bom. Pode ser conscientemente pensado e até mesmo realizado; a aptidão do desejo infantil para fazer sonho reside apenas na impaciência do sonhador, que antecipa sua realização ou corrige de pronto uma eventual frustração.

Reside, exatamente nestas características do sonho infantil, uma utilidade. Ele pode, dada sua obviedade, confirmar algo que as complicadas produções oníricas dos adultos ocultam: O sonho é a realização de um desejo. Freud está falando, sem dúvida, de uma inferioridade da vida mental da criança, sendo até mesmo capaz de usar uma analogia grosseira, com a hierarquia existente entre as espécies animais: "A psicologia infantil, em minha opinião, está destinada a prestar serviços tão úteis à psicologia de adultos como a pesquisa da estrutura ou desenvolvimento dos animais inferiores tem realizado quanto à investigação da estrutura das classes mais elevadas de animais"⁶.

O discurso de banalização da infância prevê ainda, além da insignificância dos desejos, a completa ausência de sexualidade. Vejamos o que revelam as observações de Freud, em férias, sobre seus filhos.

A menina de oito anos sonha que o coleguinha de viagem faz parte da família: Chama os adultos de "papai" e "mamãe", dorme no quarto das crianças. A mãe entra no quarto e coloca barras de chocolate embrulhadas em papel azul e verde, embaixo das camas.

⁵Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: E.S.B. Vol. IV. Ed. Cit. pp. 136-140.

⁶Idem, p. 136.

Freud interpreta que a menina anseia pelos exatos chocolates negados na véspera, e que, quanto ao colega, transformara uma situação de parentesco temporário em adoção permanente. Trata-se de um sonho fraternal, ainda que o próprio Freud tenha informado anteriormente que o menino é um "galeanteador de mão cheia" e que havia "granjeado a afeição da jovem": "Sua afeição ainda não podia visualizar quaisquer outras modalidades de companheirismo do que as que foram representadas no sonho e que se baseavam em sua relação com irmãos"⁷. Freud não apreende as tentativas amorosas extra-familiares levadas a cabo pela menina, e dirá, mais conclusivamente ainda, que a felicidade é a tônica da infância, em virtude da ausência de desejos sexuais⁸.

Está claro, contudo, que esta não é a única representação da infância veiculada em "A interpretação de sonhos". Não é, por exemplo, a perspectiva apresentada no debate sobre sonhos típicos, de onde emerge o jovem obsessivo e seu desejo de morte ao pai. Voltemos a este debate.

O sonho de morte de pessoas queridas revela invariavelmente o desejo de que a pessoa em questão venha a morrer. Trata-se de um desejo experimentado na infância. Esta afirmação apresenta, de cara, a primeira característica do desejo infantil: sua **imortalidade**.

Freud pressupõe que os desejos da infância seriam recalçados, e não aniquilados. Dizê-los indestrutíveis significa, portanto, atribuir-lhes um novo tipo de existência. "Eles não estão mortos em nosso sentido", diz Freud, "mas apenas como as sombras da Odisséia, que despertavam para alguma espécie de vida tão logo provassem sangue"⁹. Não mortos, mas também não vivos (no sentido usual), os desejos infantis persistentes na vida adulta não se deixam captar pelo olhar mais desavisado; eles retornam em sonhos.

⁷ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: E.S.B. Vol. IV. Ed. Cit., pp 137-138.

⁸ Idem. p. 140.

Em notas de rodapé acrescentadas em 1911 Freud manifesta discordância destes pontos de vista.

⁹ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: E.S.B. Vol. IV. Ed. Cit., p. 264

Os sonhos típicos de morte de pessoas queridas trazem, com grande frequência, irmãos e pais como vítimas. Freud irá empreender um estudo das relações entre irmãos, e entre pais e filhos, dizendo-se interessado em apontar para a realidade destas relações, e não em repetir uma visão distorcida, fruto das exigências da cultura¹⁰.

Irmão é igual a rival, esta é a fórmula geral que a recordação encobridora da "Cena do armário" já evidenciara. Trata-se de uma fraterna inimizade; mesmo as mais amistosas relações encontradas entre os irmãos adultos não podem apagar as cenas de tormento infantil: "A criança mais velha maltrata o mais jovem, xinga-o e rouba-lhe os brinquedos; ao passo que o mais jovem fica ardendo de raiva, impotente contra o mais velho, inveja-o e teme-o, ou enfrenta seu opressor com os primeiros sinais do amor pela liberdade e do senso de justiça¹¹. (Freud certamente pensa nos desaforos de seu sobrinho, que comporta-se a seu ver como um tirânico irmão velho).

A hostilidade entre os irmãos teria, segundo Freud, uma data precisa de surgimento: a data do nascimento do mais novo.

Convém sublinhar aqui, que Freud já não fala de uma criança simplória, inferior, numa escala evolutiva, ao homem adulto. Temos, então, uma criança atenta e perspicaz, com sérias questões a lhe ocupar a mente. Ela é capaz de perceber alterações à sua volta e de entender adequadamente os prejuízos decorrentes: "Sou seriamente de opinião de que uma criança pode formar uma estimativa justa do contratempo que tem de esperar nas mãos do pequeno estranho"¹². O pequeno estranho é um ser sem utilidade, superfluo e inconveniente; este é o significado que a criança empresta ao termo "irmão", que é como lhe apresentam o recém chegado¹³.

¹⁰ Idem., p. 271.

¹¹ Idem., p. 265

¹² Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: E.S.B. Vol. IV. Ed. Cit., pp 266-267.

¹³ Em nota de rodapé de 1914 Freud confirma a correção de sua hipótese sobre a hostilidade ao recém-nato, e acrescenta o relato de um poeta: "Além do mais, havia ali um segundo Adolf: uma criaturinha que diziam ser meu irmão, embora eu não pudesse ver que utilidade ele tinha e menos ainda por que faziam a respeito dele tanto alarido

Temos insistido durante todo o nosso trabalho em afirmar que o pensamento freudiano avança paulatinamente, sem que uma nova idéia provoque, de imediato, o desalojamento de uma idéia antiga e por vezes contraditória. Acabamos de ver um exemplo disto, ao considerarmos duas noções de infância presentes na mesma "A interpretação de sonhos". Seremos mais exatos agora, indicando que esta peculiar temporalidade freudiana atua também num outro sentido: Não só o passado invade o presente; determinadas noções que somente ganharão elaboração teórica no futuro, comparecem -ainda que de modo implícito- em textos anteriores. Estamos falando especificamente da problemática do narcisismo, que apesar de só vir a ser sistematizado em 1914, em "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução", já circula implicitamente no texto de 1900.

"As crianças são completamente egoístas; sentem suas necessidades intensamente e lutam impiedosamente para satisfazê-las especialmente contra os rivais, outras crianças, e primeiro e antes de tudo contra seus irmãos e irmãs"¹⁴, considera Freud. A caracterização **do desejo infantil como intenso, urgente e egoista**, joga por terra a expectativa de uma moralidade e sociabilidade originais. Um irmão é um limite para o auto-amor irrestrito, impõe ao sujeito a não exclusividade do amor paterno e o reconhecimento de sua insuficiência e incompletude. ("Eu era suficiente", brada a criança ao receber o irmão).

Somente a idéia de um auto-amor irrestrito é capaz de oferecer uma explicação convincente para o fenômeno do ódio às pessoas queridas (pais e irmãos): Odeio quem amo, porque quero mais a mim mesmo, porque busco uma satisfação que não admite interferências. A interferência do rival perturbador é, acima de tudo, um crime contra Sua Majestade o Ego; o "código

quanto ao meu próprio respeito. Eu era suficiente no que me dizia respeito: por que iria querer um irmão? E ele não era só inútil, era positivamente um empecilho". Citado por Freud In: A Interpretação de sonhos (1900) Op. Cit., pp 267-268.

¹⁴ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900) In: E.S.B. Vol. IV. Ed. Cit., pp 265-266.

draconiano" que rege o inconsciente dos homens exige que o crime Atentar contra o narcisismo receba nada menos do que a pena de morte como punição¹⁵.

É inegável que Freud avança para uma refinada concepção de infância, em substituição àquela oferecida pela cultura. Uma visão de mundo centrada em uma moralidade hegemônica é inadequada para responder aos verdadeiros enigmas da alma humana. Por isto, Freud precisa avançar mais, desta feita em direção ao exame da relação pais-filhos, sob uma ótica distinta da simples devoção mútua¹⁶.

Os sonhos de morte vitimizam, via de regra, o genitor de mesmo sexo. Esta regularidade aponta para outra rivalidade no coração da família.

Freud irá inicialmente examinar o fenômeno do ódio ao pai na família antiga. O pai seria, de fato, um personagem que se faz odiar, conforme atestam mitos e lendas. Pais mitológicos devoram seus filhos, filhos vingativos castram o tirano: A relação pai-filho na era primitiva é marcada pela violência e luta explícitas.

O pai primevo é detentor de uma autoridade ilimitada. O poder é vitalício e hereditário, portanto o sucessor é muito, mas também quase-nada, enquanto o pai vive. A única forma possível de acesso à posição de chefia, dada a lógica sucessória, é a morte do pai. "Quanto mais irrestrita era a autoridade paterna na família antiga", imagina Freud, "mais devia o filho, como seu sucessor destinado, ter-se visto na condição de inimigo, e mais impaciente deve ter ficado para tornar-se ele próprio o chefe, pela morte do pai"¹⁷.

Estamos, sem sombra de dúvida, frente a uma copiosa produção intelectual. O texto freudiano torna-se condensado, quase obscuro, e bem

¹⁵ Idem., p. 270.

Em nota de rodapé de 1919 Freud parece reconhecer que o texto original já continha sem nomear, uma noção de narcisismo. Acrescenta, à guisa de exemplo, uma situação onde o ódio narcísico de uma criança exige a morte do agente perturbador: "Gostaria que Josephine (uma empregada) morresse, foi o comentário da criança para o pai. Por que morresse? indagou o pai suavemente, não basta que ela vá embora? Não, respondeu a criança, ela então tornaria a voltar".

¹⁶ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B. Vol. IV. Ed. Cit., pp 271-272.

¹⁷ Idem., p. 272.

podemos imaginar a quantidade de cenas e associações que ocorrem a Freud, enquanto pensa livremente sobre esta família que (já) não existe. Tratam-se de formidáveis intuições que Freud permite-se dizer, muito embora ainda não possa, conscientemente, apreender todas as suas implicações.

Freud pressupõe um estado semelhante de coisas na relação pai-filho atual: Um pai autoritário e centralizador provoca a hostilidade no filho. A relação revela-se igualmente tensa ("Mesmo em nossas famílias de classe média os pais inclinam-se, via de regra, a negar a independência de seus filhos e os meios necessários para assegurá-la e assim fomentam o crescimento do germe da hostilidade que é inerente à relação entre eles"¹⁸). Freud recorre a lendas e mitos para pensar algo que a clínica e sua auto-análise lhe impõem. Sua explicação interessa menos do que o fato que a exige: a observação do alívio do filho diante do pai morto.

"Um médico muitas vezes estará em condições de observar como a tristeza de um filho pela morte do pai não pode suprimir sua satisfação em ter finalmente alcançado a liberdade"¹⁹, diz Freud. A exuberância científica de Freud, imediatamente após a morte do pai, aponta para a conquista de uma liberdade deste tipo, podemos presumir.

Freud revela-se insatisfeito com as primeiras explicações, obtidas a partir da cultura, para o fenômeno do ódio do pai. Volta-se agora para a clínica. A regularidade sexual encontrada nos sonhos típicos, em que sistematicamente é o genitor de mesmo sexo quem aparece morto, aponta para um novo elemento. A criança de Freud é capaz de experimentar um vigoroso amor, que já leva em consideração o fator sexual, e que prevê, por ciúmes, a eliminação do rival. Diz Freud: "Sabemos por eles (neuróticos) que os desejos sexuais de uma criança se, em seu estágio embrionário elas merecem ser assim descritas- despertam muito cedo, e que a primeira afeição de uma menina

¹⁸ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B. Vol. IV. Ed. Cit., p. 272.

¹⁹ Ibidem.

é para com seu pai e os primeiros desejos infantis de um menino, para com sua mãe. Desta forma o pai torna-se um rival perturbador para o menino e a mãe para a menina..."²⁰.

Introduzindo o elemento sexual na relação pais-filhos, Freud desconstrói, além do discurso dominante sobre a infância, uma dada concepção de maternidade e paternidade. Considera que o filho é um objeto amoroso dos pais, e que o amor materno (e paterno) não se caracteriza por uma devoção desinteressada²¹.

Freud está então, prestes a recorrer ao mito de Édipo para caracterizar os desejos da infância considerados universais. Antes porém, oferece exemplos de sonhos e sintomas obtidos a partir de sua clínica, dotados, em sua opinião, de um extraordinário poder de convencimento a cerca da correção de suas hipóteses. O jovem obsessivo aparece como mais um exemplo convincente.

B) Ódio ao pai e automatismo psíquico no jovem obsessivo.

O jovem obsessivo aparece inicialmente no livro dos sonhos como um exemplo a mais do desejo que habita a criança: casar com o genitor de sexo oposto e matar o rival (pai de mesmo sexo). Aparece novamente quando Freud interpreta um sonho próprio (o sonho "Hollthurn") carregado de conteúdos sexuais.

Freud fala com aberta simpatia de um jovem de "moral e educação igualmente elevadas"²² e de "coração bondoso"²³, mas que julga a si próprio como um perigoso homicida em potencial. Trata-se de um caso de neurose

²⁰ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B. Vol. IV. Ed. Cit., p. 273.

²¹ Em 1914 (sobre o Narcisismo: uma introdução) Freud definirá o amor parental como transmutação do narcisismo dos pais em amor de objeto. O narcisismo está na base deste amor, é sua própria razão de ser.

²² Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B. Vol. IV, p., 276.

²³ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Parte II. In: E.S.B. Vol. V., p. 489.

obsessiva grave, onde o principal sintoma é o medo de matar indistintamente as pessoas na rua.

A análise evidencia que aos 31 anos de idade o paciente perdeu o pai (após penosa doença), ao que reagiu com as mais cruéis auto-recriminações. Passa a se pensar como portador de inclinações assassinas e a tentar uma série de medidas que evitem a consumação do crime.

Inicialmente ainda sai às ruas, mas é obrigado a seguir, com seu olhar vigilante, o rumo tomado pelas pessoas com quem cruza no caminho. Se perde alguém de vista, é tomado de aflição pela idéia de que estaria implicado neste sumiço. Abandona os passeios pelo medo de matar, isolando-se em casa.

Acaba, de todo modo, por se ocupar com notícias de crime veiculadas pelos jornais. Insinua-se nele, sob a forma de dúvida, a idéia de que poderia ser o assassino procurado. Passa os dias preparando álibis para uma eventual acusação, e tenta tranquilizar-se com o argumento de que sequer deixara a casa.

Um dia veio-lhe à cabeça a idéia de que poderia ter saído de casa em estado de inconsciência, ganhando as ruas como autômato e matando sem o saber. A única solução encontrada é entregar a chave da casa à sua velha governanta, com ordens expressas de que ela nunca a deixe cair em suas mãos, ainda que ele a peça²⁴.

O desenrolar da análise traz ao paciente uma recordação da infância: Ele experimentara, aos sete anos de idade, um impulso consciente para assassinar o severo pai. Freud adquire, então, uma "profunda compreensão (insight) da mente inconsciente"²⁵ deste jovem.

O temor de assassinar indiscriminadamente qualquer pessoa, oculta, e revela, um desejo inconsciente e arcaico de matar especificamente o pai (Freud

²⁴Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Partes I e II. In: E.S.B. Vol. IV e V, pp.276 e 489-490, respectivamente.

²⁵Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Parte I. In: E.S.B. Vol. IV., p. 276.

postula o aparecimento deste impulso em ocasião anterior aos sete anos de idade). Freud conclui: "Não era de esperar-se, julgou ele (o paciente), que uma pessoa capaz de querer empurrar o próprio pai por um precipício do alto de uma montanha, fosse respeitar a vida daqueles com quem tivesse um parentesco menos próximo; ele tinha toda razão de fechar-se em seu quarto"²⁶. Eis aí a lógica obsessiva, plenamente coerente com a intensidade do impulso hostil inconsciente.

Ao examinar a questão teórica da atividade intelectual nos sonhos, Freud apresenta o sonho "Hollthurn", onde o mesmo paciente desempenha um importante papel. Trataremos este material de forma sucinta, tendo em vista especialmente a referência ao jovem obsessivo.

Numa noite calorenta de julho de 1898²⁷ Freud faz uma viagem à trabalho. O trem está abarrotado; o lugar vago encontrado é junto a um idoso casal, aristocrático e arrogante, explicitamente descontente com sua presença (um dos sinais disto é a recusa em abrir as janelas). Freud abafado, adormece e sonha.

Na primeira parte do sonho, temos o sonhador também viajando de trem. Ouve anunciar a parada em uma estação ("Hollthurn, dez minutos"). Reage tecendo considerações sobre o lugar (seria uma cidade onde homens corajosos lutaram, em vão, contra um poder superior); pensa em sair, mas hesita face ao pequeno tempo disponível.

Num segundo momento, o sonhador encontra-se **subitamente** em outro compartimento do trem. Pensa que "poderia haver mudado de vagões enquanto me encontrava em estado de sonho"²⁸. Encontra-se agora junto a um casal de irmãos ingleses, cercados de livros. Tenciona participar das conversas

²⁶ Idem.

²⁷ Freud fala apenas de um sonho na noite de 18 para 19 de julho. Quem indica o ano exato é Anzieu. In: Anzieu, D. *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Ed.Cit., p. 227.

²⁸ Freud, S. *A Interpretação de sonhos* (1900). Parte II. In: E.S.B. Vol. V, p. 487.

(literárias) dos novos companheiros de viagem. Comete um erro em inglês e corrige-se.

O sonho suscita uma série de associações que deixamos de apresentar (como: associações ao nome da estação fictícia, aos nomes dos livros, etc.), e outras que o próprio autor se nega a dar ["tive que deixar (o sonho) quase sem interpretação por ser muito indecente"²⁹]. De todo modo, a conclusão tirada por Freud é a de que o sonho realiza uma contundente vingança contra seus desagradáveis companheiros de viagem, sob a forma de grosseiros insultos anais³⁰. Resta-lhe ainda esclarecer o episódio da mudança de vagão e, sobretudo, a tentativa de explicação apresentada no próprio sonho.

O sonhador julgou necessário explicar a mudança de cenário, ocorrida na segunda parte do sonho ("devo ter deixado o vagão quando me encontrava em estado de sono"), e isto chama a atenção de Freud. Frequentemente mudanças deste tipo ocorrem em sonhos, sem gerarem, no sonhador, a sensação de estranheza e a iniciativa de explicá-las. Se o objetivo do sonhador é insultar os vizinhos, e depois substituí-los por outros mais gentis, porque ainda tem que se justificar? A necessidade de manter a coerência e a conexão dos elementos não esgota a questão, e a explicação por si mesma merece ser analisada.

Freud acredita que retirou esta explicação específica de suas experiências como neuropatologista: "Conhecemos pessoas que empreenderam viagens de trem num estado crepuscular, sem trair sua condição anormal por qualquer sinal, até que, em algum ponto da jornada, de repente voltaram a si completamente e ficaram atônitos pela lacunha em sua memória"³¹. Em seguida, justifica sua necessidade particular de recorrer a estes fatos raros da

²⁹ Idem., p. 553.

³⁰ "Em meu sonho tomei temível vingança de meus desagradáveis companheiros; ninguém poderia suspeitar que insultos e humilhações jaziam escondidos por trás dos fragmentos esparsos da primeira metade do sonho". In: Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Parte II. In: E.S.B. Vol. V, p. 489.

³¹ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Parte II. In: E.S.B. Vol. V, p. 489.

neurologia: "Estava me declarando ser um desses casos de automatisme ambulatoire"³².

Freud recorda-se então, de que algumas semanas antes havia viajado com o paciente obsessivo: "Estava curado e viajava comigo para as províncias a fim de visitar seus parentes, que me haviam mandado chamar. Tínhamos um compartimento para nós; deixamos todas as janelas abertas durante a noite inteira e muito nos divertimos enquanto permaneci acordado"³³. Esta lembrança o faz compreender que, ao se declarar como um caso de automatismo ambulatório, copiara a neurose do jovem obsessivo, que, como já vimos, temera cometer assassinatos em estado de inconsciência.

Freud diz-se um autômato que pode empreender ações desconhecidas em estado crepuscular, em uma tentativa de se assemelhar, assim, a este jovem paciente. Está em jogo mais uma necessidade do sonhador: "Sabia que a raiz de sua doença havia sido impulsos hostis contra seu pai, datando de sua infância e envolvendo uma situação sexual... identificando-me com ele, estava procurando confessar algo análogo"³⁴.

Esta confissão o leva a reconhecer a fantasia que é o centro do sonho: o casal pretendia ter relações sexuais durante a viagem; ele os pertubara e sofrera uma hostil represália. Freud chama sua fantasia de "extravagante", dadas as circunstâncias atuais, encontrando, então, que se trata de um eco de uma cena ocorrida na infância: "A criança, provavelmente levada pela curiosidade sexual, forçara caminho até o quarto de dormir de seus pais e dele fora retirada por ordens do pai"³⁵. As cenas primitivas, vistas ou ouvidas, são, para Freud, a origem das fantasias e dos sonhos de seus pacientes.

³² Idem.

³³ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Parte II. In: E.S.B. Vol. V, p. 490.

³⁴ Idem.

³⁵ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). Parte II. In: E.S.B. Vol. V, pp 490-491.

1.2. A hipótese de Anzieu: A trajetória do jovem obsessivo (1895 a 1900) e a descoberta do Complexo de Édipo

Anzieu não consagra um texto a este paciente que denomina "o jovem obsessivo", e que seria um personagem fundamental para a descoberta do Complexo de Édipo. Iremos encontrar, em seu livro, inúmeras referências (dispersas) a este paciente, à medida em que o autor conta, minuciosamente e em rigorosa ordem cronológica, a história que lhe interessa, que é a da auto-análise de Freud.

O autor preocupa-se em reconstituir, sob este ângulo, a história inicial da psicanálise, que certamente é muito mais complexa e rica de sutilezas, do que a simples leitura dos escritos apresentados publicamente pode sugerir. Vejamos o caso do "jovem obsessivo", que Freud apresenta discretamente, como simples exemplo de determinadas concepções teóricas. O desconhecimento de outras informações podem levar, mesmo um personagem de crucial importância para a constituição da psicanálise, ao esquecimento. Até mesmo as Cartas a Fliess não nos esclarecem completamente neste ponto, uma vez que, apesar de Freud falar repetidas vezes de um paciente que supostamente seria o "jovem obsessivo", não deixa absolutamente fora de dúvida que se refere sempre à mesma pessoa (Freud usa as expressões "um outro homem", "um dos casos", "um paciente com idéias obsessivas", e, mais frequentemente, a inicial de seu nome. Nem sempre as informações são claramente complementares).

Anzieu trabalha, por seu turno, com um sofisticado cruzamento de uma infinidade de dados, o que lhe permite, por exemplo, estabelecer a data de um sonho ou a identidade de um personagem relevante para Freud. Este parece ser o caso do "jovem obsessivo", onde o autor produz uma série de hipóteses bastante convincentes, a partir da centralização de múltiplas informações em uma mesma figura, que seria, por isso mesmo, absolutamente importante para a

história da psicanálise. Não se preocupa, contudo, em apresentar sistematicamente este cruzamento de dados, acabando por ocultar do leitor alguns elementos de sua convicção. Feitos os esclarecimentos e advertências, examinemos as hipóteses de Anzieu.

Em primeiro lugar, o jovem obsessivo teria sido uma das mais importantes fontes de inspiração para a redação do Manuscrito N, de 31 de maio de 1897³⁶. Este texto, como consideramos exautivamente no Capítulo I, é a primeira aproximação de Freud à temática edipiana, por tratar do ódio ao genitor do mesmo sexo.

A hipótese é bastante convincente, por dois motivos: Há fortes indícios de que o tratamento deste paciente tenha iniciado em 1895³⁷, o que torna efetivamente possível a Freud, dois anos depois, ter acumulado uma série de reflexões a partir de um jovem que desejou intensamente a morte do pai. Além disso, há inquestionavelmente uma extraordinária semelhança entre o manuscrito N e as revelações feitas por Freud sobre a análise deste paciente (em "A interpretação de sonhos", 1900). O manuscrito N fala da observação clínica de impulsos hostis contra o pai de mesmo sexo, nas idéias obsessivas e nos delírios persecutórios, e, das reações de remorso (auto-recriminações) ou de identificação histérica, após a morte do pai odiado. Acabamos de ver, por outro lado, o jovem obsessivo recordando-se do impulso de empurrar o pai para um precipício, e rendendo-se, após sua morte (por doença), como assassino, espécie de robô homicida programado para matar.

Outra grande fonte de inspiração para a elaboração do manuscrito N, é o próprio trabalho de luto que Freud experimentou pela morte do pai (em outubro/1896). Freud também proclamou-se culpado -acusando-se de ter

³⁶ Anzieu, D. Op.Cit., p. 136.

³⁷ "Um outro homem (que não ousa sair às ruas por causa de suas tendências homicidas) deverá ajudar-me a resolver outro quebra-cabeças". In: Carta a Fliess de 31 de outubro de 1895. Masson, J.M. **A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro, Imago, 1986, p. 149. [Anzieu sustenta ainda a tese de tratar-se, neste caso, do primeiro paciente do sexo masculino em psicanálise. In: Anzieu, D. Op.Cit., p. 69].

providenciado um cerimonial muito simples e de ter chegado atrasado para o enterro- e suplicou perdão, realizando o sonho "Pede-se fechar os olhos". A morte do pai significou, portanto, um poderoso elemento de ligação entre os dois homens.

Em nossa opinião, o jovem obsessivo brinda Freud com uma singular experiência. Ele comparece ao consultório para confessar o que tantos outros ocultam ou negam veementes: Que apesar de "bondoso", é atravessado por impulsos assassinos. A gravidade de sua neurose o faz confessar, em pânico e sem meias palavras, o que em essência todo ser humano é: alguém incapaz de total domínio sobre seus desejos e de dirigir voluntariamente (conscientemente) o rumo de sua vida. Por isto, é simplesmente genial, a nosso ver, que este paciente recorra a um personagem que provavelmente era frequente na literatura científica da época: o sonâmbulo que pode até matar sem o saber.

É igualmente genial o que Freud declara no sonho "Hollthurn": Eu também sou um caso de automatismo ambulatório. Enquanto o conteúdo manifesto do sonho apresenta ao mundo dois novos casos raros de neuropatologia, o conteúdo latente evidencia que, enquanto Freud pensa em seu paciente, pensa a si próprio, facilitado, sem dúvida, pelas afinidades e semelhanças existentes. Anzieu acredita que o restabelecimento deste paciente sinaliza para Freud não somente sua competência médica e terapêutica, mas, sobretudo, "a relatividade do perigo que representa para ele, Freud, a liberação da tomada de consciência de seus próprios impulsos hostis"³⁸.

Uma segunda hipótese levantada por Anzieu, é a de que este paciente seria, ainda, o autor do sonho incestuoso que muito impressionara Freud, impelindo-o ao ato descuidado da "Injeção na velha senhora" (onde, ao cometer um engano acaba "profanando a velha") e, conseqüentemente, à descoberta da

³⁸ Anzieu, D. Op.Cit., p. 234.

universalidade do Mito de Édipo. A sessão onde o jovem obsessivo relata tal sonho teria sido uma "revelação" para Freud, muito embora este autor não ofereça, para este episódio, os fundamentos de sua convicção³⁹.

A descoberta do Complexo de Édipo teria sido tornada possível, portanto, graças a um movimento duplo onde Freud simultaneamente examina a si próprio e a seus pacientes. Anzieu chega a surpreender, ao conferir um peso superior à contribuição advinda da clínica. É que, para ele, a auto-análise oferece a Freud os "resíduos" de seus sentimentos edipianos, ao passo que a análise de seus pacientes lhe impõe a "evidência" do Édipo⁴⁰. Mas este autor não fala indistintamente dos vários personagens que frequentam o consultório de Freud, pois para ele:

"Do ponto de vista da epistemologia da descoberta freudiana, estamos em presença de um dado capital: foram as meninas ou as moças histéricas que permitiram a Freud a descoberta do sentido dos sonhos; em compensação, foi um jovem obsessivo que conduziu Freud à descoberta do Complexo de Édipo. A psicanálise, pressentida a partir de uma reflexão inovadora sobre a histeria, não é definitivamente fundada senão a partir do momento em que ela permite a Freud a compreensão da neurose obsessiva"⁴¹.

Houve, de fato, uma trajetória longa e sinuosa compartilhada por estes dois homens nos primórdios da psicanálise. Trata-se de uma relação fértil que contribui, sem dúvida, para mudanças de concepções teóricas (o paciente acompanha Freud desde a teoria do trauma, indo arrancar de sua idosa babá a confissão da sedução⁴²) e técnicas (o refinamento do método de trabalho: Freud renuncia a "qualquer atividade mental consciente, de modo a tratar às cegas entre meus enigmas"⁴³). Este "paciente persistente"⁴⁴ que suportou, conforme

³⁹ Idem., p. 154.

⁴⁰ Anzieu, D. Op.Cit., p. 153.

⁴¹ Idem., p. 154.

⁴² Carta de 03 de Janeiro de 1897. In: Mason, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed.Cit., p. 220.

⁴³ Carta de 11 de março de 1900. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed.Cit., p. 405.

admite Freud expressamente, todos seus erros teóricos e técnicos, adquire uma importância fundamental para a psicanálise.

O historiador possui realmente uma extraordinária capacidade de contar uma história de forma intelegível e organizada em torno de marcos precisos. Este parece ser o caso de Anzieu e seu relato da descoberta edípica, onde o jovem obsessivo aparece oferecendo a Freud um ingrediente precioso: o seu ódio. Gostaríamos, por outro lado, de finalizar esta apresentação fazendo menção às históricas que, desde muito cedo, acorrem a Freud para revelar o seu mal: histórias secretas de amores (e desejos sexuais) clandestinos e proibidos. Acaso não seria essa sutil composição entre ódio e amor, a essência mesma do drama de Édipo?

2. O mito de Édipo

2.1. A tragédia Édipo Rei, de Sófocles.

"Laio, filho de Lábdaco nutria em sua juventude uma paixão mórbida por Crísipo, filho de Pêlops, inaugurando assim, segundo alguns autores gregos, os amores homossexuais. Laio raptou Crísipo e foi amaldiçoado por Pêlops, que desejou a Laio o castigo de morrer sem deixar descendentes. Posteriormente Laio casou-se com Jocasta, irmã de Creonte, e tornou-se rei de Tebas. Apesar de um oráculo haver-lhe anunciado que, como castigo por seus amores antinaturais com Crísipo, se nascesse um filho dele e de Jocasta esse filho o mataria, Laio tornou-se pai de um menino. Para tentar fugir à predição do oráculo, mandou Jocasta dar o recém-nascido a um dos pastores de seus rebanhos, após perfurar-lhe os pés e amarrá-los. A ordem foi abandoná-lo no monte Citeron para morrer naquela região inóspita, na esperança de fugir assim

⁴⁴ Carta de 21 de dezembro de 1899. In: Masson, J.M. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Ed.Cit., p. 392.

à decisão divina. O pastor, entretanto, movido pela piedade, salvou a vida do filho de Laio e de Jocasta e o entregou a um companheiro de profissão, que costumava levar os rebanhos de Pólipo, rei de Corinto, às pastagens situadas no vale do Citeron. Esse pastor levou o menino, chamado Édipo em alusão a seus pés feridos e inchados (Oidipous = Pés inchados), a seu senhor, o rei Pólipo que não tinha filhos e vivia lamentando-se por isso. Pólipo e sua mulher Mérope criaram Édipo como se fosse filho deles. Quando Édipo chegou à maioridade foi insultado por um habitante de Corinto, embriagado, que o chamou de filho adotivo. Diante dessa revelação Édipo se dirigiu sozinho a Delfos, para consultar o oráculo de Apolo a respeito de sua ascendência. O deus nada lhe disse quanto à sua pergunta, mas revelou-lhe que ele mataria seu pai e se casaria com sua própria mãe. Édipo, supondo que Pólipo fosse seu pai e Mérope fosse sua mãe, resolveu não voltar jamais a Corinto. Naquela época os habitantes de Tebas estavam alarmados com a Esfinge, que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro, pondo em perigo a cidade toda. Em sua fuga ele passava pelos arredores de Tebas quando, em uma encruzilhada de três caminhos, avistou um carro em que vinha um homem idoso seguido por criados. O homem gritou-lhe insolentemente que deixasse o caminho livre para seus cavalos passarem e um dos criados da comitiva espancou Édipo. Este reagiu e matou o homem que vinha no carro, sem saber que se tratava de Laio, seu pai, e os criados que o acompanhavam, a exceção de um, que fugiu. Em seguida Édipo chegou a Tebas e, passando pela calamitosa Esfinge, decifrou o enigma que esta lhe propôs. A Esfinge desapareceu e Tebas, salva daquele flagelo, fez de Édipo o rei da cidade e lhe deu em casamento Jocasta, viúva de Laio e, portanto, mãe de Édipo. Estavam assim realizadas as duas predições do oráculo, embora Édipo e Jocasta permanecessem na ignorância da imensidade de seu infortúnio. Por muitos anos Édipo governou Tebas como um grande e valente rei; de seu casamento com

Jocasta nasceram duas filhas -Antígona e Ismene- e dois filhos -Polinices e Etéocles- que cresciam em meio à paz e prosperidade aparentemente presentes no palácio real. Os deuses, todavia, estavam atentos aos fatos nefandos resultantes da desobediência aos seus oráculos, e no devido tempo fizeram tombar sobre Tebas uma peste que lhe dizimava os habitantes. Compelido pela calamidade, Édipo enviou seu cunhado Creonte a Delfos a fim de consultar o oráculo sobre as causas da peste e os meios de contê-la. Nesse ponto começa o Édipo Rei⁴⁵.

Este é o mito de Édipo que inspirou Sófocles na composição de sua tragédia "Édipo Rei", conforme síntese realizada pelo respeitado helenista brasileiro Mário da Gama Kury. Vários autores têm insistido, contudo, que esta não é a única versão do Mito, já que este se caracteriza precisamente por aparecer em variantes ("O mito vive em variantes", conforme Brandão⁴⁶).

Segundo uma variante, por exemplo, Édipo não seria filho de Jocasta e não teria cometido incesto. Édipo seria filho de Laio com uma primeira esposa (Euricléia), tendo desposado, após a morte do pai, a madrasta Jocasta e não a própria mãe (àquela altura já morta).. Uma outra variante já considera que o assassinato de Laio, por Édipo, teria sido proposital. Laio e Édipo disputariam a preferência amorosa de Crisipo, o belo filho de Pêlops⁴⁷.

Édipo rei é, portanto, a variante apresentada por Sófocles sob forma de tragédia, que provavelmente foi encenada pela primeira vez nas festas dionísias de Atenas no ano 430 a.C. Uma conjunção de fatores legou Édipo Rei à posteridade como a versão literária por excelência do Mito de Édipo.

⁴⁵ Kury, M. Introdução. In: Sófocles. *A trilogia tebana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990, pp 8-9.

⁴⁶ Brandão, J. *Mitologia Grega*, Vol. III. Petrópolis, Vozes, 1989, p. 238.

⁴⁷ Brandão, J. *Mitologia Grega*, Vol. III. Petrópolis, Vozes, 1989, pp. 237 e 238.

Édipo Rei começa com uma Tebas desolada por esterilidade (nos campos e nas mulheres, que abortam) e morte. A ação inicia quando Édipo, já incestuoso e parricida sem o saber, empreende tentativas de reversão do quadro fúnebre. A resposta do oráculo a Creonte revela que a peste só será contida quando um ser impuro, o assassino de Laio, for banido ou morto. A tragédia gira em torno do processo que leva Édipo a identificar o assassino de seu antecessor, e, ao final, debate-se que destino se dará ao desgraçado monarca.

Kury comenta que Édipo Rei pode ser considerada a primeira peça policial conhecida: "...há um crime -o assassinio de Laio-, um investigador interessado em elucidá-lo e punir o culpado, a busca às testemunhas, ao assassino, interrogatório e finalmente a descoberta do criminoso"⁴⁸. O toque de ironia de tal história policial é dado pelo fato de serem, investigador e criminoso, a mesma pessoa, e, mais ainda, pela insistência com que o próprio assassino atira-se à elucidação dos fatos.

Havíamos insistido anteriormente na idéia de que Édipo Rei é uma das formas literárias tomadas pelo mito. Convém acrescentar agora que esta variante tem, por seu turno, recebido um considerável número de interpretações distintas. Brandão enumera algumas leituras possíveis: O mito de origem em Lévi-Strauss, a busca da verdade em Michel Foucault, o conflito entre o matriarcado agonizante e o vitorioso patriarcado em Bachofen, o amor e ódio em Sigmund Freud, etc.⁴⁹. Pretendemos, com isso, sublinhar para o leitor a vastidão do tema e o lugar particular de onde fala Freud.

⁴⁸ Kury, M. Introdução. In: Sófocles, Op. Cit., p. 9.

⁴⁹ Brandão, J. Op. Cit., p. 272.

2.2. A interpretação de Freud

"Onde os culpados estarão? Onde acharemos algum vestígio desse crime muito antigo?"⁵⁰. Para Freud, a tragédia, ao colocar estas perguntas e retratar um processo de investigação com "pausas engenhosas e sensação sempre crescente"⁵¹, assemelha-se a um também vibrante processo psicanalítico. Alguns comentadores gostam desta metáfora detetivesca, como Garcia-Roza, que sustenta haver, de fato, uma verdadeira investigação a ser feita em análise, a partir do relato do paciente. "O inconsciente não é o que se oferece benevolmente a sua (do analista) escuta, mas o que teima em se ocultar e que só se oferece distorcidamente, equivocadamente, dissimulado nos sonhos, nos sintomas e nas lacunas de nosso discurso consciente"; por essa razão, "...não é com boa fé que o psicanalista opera, mas com a suspeita"⁵². As perguntas que faz Édipo e a busca dos indícios do crime se repetem, portanto, em cada sujeito em análise. E se o paciente, como Édipo, procura um criminoso que julga não ser ele, é porque, num certo sentido, tratam-se de crimes realmente ocorridos num outro mundo (imaginário) e perpetrados por outro sujeito no qual ele não se reconhece.

A comparação entre Édipo, o investigador, e o processo psicanalítico poderia estender-se longamente, desde que Freud mesmo sinalizou este caminho. Seu interesse central pela tragédia de Sófocles, contudo, deverá ser encontrado em outra parte. Sigamos seu percurso em "A interpretação de sonhos".

A formação cultural de Freud incluiu uma passagem obrigatória pelos clássicos. Ele aprende grego (além de latim, francês, inglês, hebraico, etc.)

⁵⁰ Sófocles, *Édipo Rei*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990, p. 26.

⁵¹ Freud, S. *A Interpretação de sonhos* (1900). In: *E.S.B.*, Vol. IV, p. 277.

⁵² Garcia-Roza, L. *Introdução à metapsicologia freudiana*, Vol. 2. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991, pp 10-11.

e traduz uma passagem do célebre Édipo Rei, em seu curso secundário. Em Paris, assiste mais tarde, a uma representação teatral do mesmo Édipo⁵³. É do seu lugar de espectador comovido que afirma estar falando no livro dos sonhos. Freud quer saber em que ponto reside o extraordinário potencial de comoção de uma peça que afeta desde o antigo auditório grego até o moderno. A primeira pista seria examiná-la enquanto tragédia do destino.

Freud tece considerações muito rápidas sobre a complexa questão do destino humano em Édipo Rei. Para ele, em síntese, a platéia não se rende comovida pelos simples cumprimento do inexorável destino. Seu interesse está na natureza particular das profecias realizadas. De todo modo, examinemos um pouco mais a primeira questão.

O Mito de Édipo opera com dois grupos de afirmações a cerca de um futuro inelutável, duas profecias: Uma feita a Laio -serás assassinado por teu filho, e outra a Édipo- tirarás a vida de teu pai e serás o esposo da tua mãe. Laio e Édipo empreendem tentativas de fugir de seus destinos; o primeiro ordenando o extermínio do filho, e Édipo exilando-se de seus amados pais (adotivos) e de sua terra.

Assiste-se mesmo, em Édipo Rei, a um debate sobre aquilo que, de modo fixo e imutável, cabe a cada homem. Jocasta, tão logo entra em cena (para acalmar um inquieto e encolarizado Édipo frente às adivinhações do cego Tirésias, que o colocam como o ser impuro procurado), manifesta descrença quanto aos dons divinatórios concedidos aos mortais. Ela e Édipo, ao mesmo tempo em que se vêem amedrontados com seus destinos, alternam-se em críticas à pretensa infalibilidade dos oráculos (seriam testemunha e exemplo vivo de profecias falhas: Laio teria sido morto por assaltantes e Pólipo teve morte natural). Jocasta chega mesmo a aconselhar Édipo nos seguintes termos: "O acaso cego é seu senhor inevitável e ele não tem sequer pressentimento claro

⁵³ Anzicu, D. Op.Cit., pp 421 e 435.

de coisa alguma; é mais sensato abandonarmo-nos até onde podemos à fortuna instável"⁵⁴.

O Coro, por sua parte, recrimina tal atitude de orgulho e arrogância: "Deus todo-poderoso, se mereces teu santo nome, soberano Zeus, demonstra que em tua glória imortal não és indiferente a tudo isso! Desprezam os oráculos ditados a Laio, como se nada valessem; Apolo agora não é adorado com o esplendor antigo em parte alguma; a reverência aos deuses já se extingue"⁵⁵. O final da tragédia revela o acerto dos oráculos: as duas profecias foram há muito tempo cumpridas; Jocasta enforca-se e Édipo rasga os próprios olhos.

"Se Oedipus Rex comove um auditório moderno não menos que o grego da época", considera Freud, "a explicação somente pode ser no sentido de que seu efeito não está no contraste entre o destino e a vontade humana, mas que deve ser procurado na natureza particular do material sobre o qual aquele contraste é exemplificado"⁵⁶. Freud prepara-se para apresentar, finalmente, a sua interpretação para a tragédia de Sófocles, retomando as discussões, já bastante avançadas, sobre o desejo infantil (que anteriormente acompanhamos, até o surgimento do homem obsessivo). Freud descarta a interpretação centrada no destino, mas permite-se continuar a falar em nome dele.

"Seu **destino** nos comove somente porque poderia ser o nosso, porque o oráculo lançou a mesma praga sobre nós antes de nascermos, como sobre ele. É o **destino** de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual no sentido de nossa mãe e o nosso primeiro ódio e o nosso primeiro desejo assassino contra nosso pai"⁵⁷, conclui Freud. Este destino específico, e somente este, suscitaria a nossa mais absoluta compaixão e o nosso mais absoluto terror.

⁵⁴ Sófocles. *Édipo Rei*. Op.Cit., p. 68.

⁵⁵ Idem, pp 63-64.

⁵⁶ Freud, S. *A Interpretação de sonhos* (1900). In: *E.S.B.*, Vol. IV, p. 278.

⁵⁷ Idem.

Freud permite-se, a nosso ver, um uso próprio da palavra destino. Ele não fala daquilo que cabe a cada um, mas de um destino de todos. Já sabe que a existência humana não é tão conscientemente guiada quanto imaginávamos: O homem pode ser o cavaleiro levado pelo seu cavalo ou um caminhante "sonâmbulo" que não sabe para onde vai. Neste sentido é que a desventura de Édipo pode soar como "uma advertência a nós mesmos e a nosso orgulho, a nós que, desde nossa infância, nos tornamos tão sábios e tão portentosos perante nossos próprios olhos"⁵⁸, mas que no fundo de nossa impotência, desconhecemos nossos desejos. Estamos em 1900; acreditamos que Freud dá decisivos passos na descobertas das leis gerais que possam tornar mais compreensível esse estranho caminhar humano.

Apenas para finalizar, deixaremos marcada uma conversa que Freud tem, em 1908, com seu pequeno paciente Hans, onde o analista fala de destino, mas também de seus próprios poderes de predição:

"Continuei, dizendo que bem antes de ele nascer eu já sabia que ia chegar um pequeno Hans que iria gostar tanto de sua mãe que, por causa disso, não deixaria de sentir medo de seu pai..."⁵⁹.

⁵⁸ Freud, S. A Interpretação de sonhos (1900). In: E.S.B., Vol. IV, p. 279.

⁵⁹ Freud, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. (1909). In: E.S.B., Vol. X, p. 52.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aproximamo-nos do término deste trabalho com a certeza de termos nos aventurado em distintos aspectos do tema escolhido, seguindo, antes de mais nada, os caminhos indicados por nossa genuína curiosidade ou pela necessidade real de dirimir determinadas dúvidas. Temos a pretensão de ter conseguido, a partir daí, contar uma história compreensível e sobretudo viva, sobre a produção humana de um conceito que acabou por conquistar um lugar respeitável no seio do pensamento moderno.

O conceito de Complexo de Édipo foi considerado aqui como produto de uma série de experiências e indagações que se fez Freud, em Viena, no final do século passado. Ao que tudo indica, este pensador parte de uma teoria da sedução bastante sintonizada com o discurso dominante sobre o sexo, rumo à uma concepção original e refinada de sexualidade humana. Para a Teoria da Sedução existe sobretudo um pervertido sexual - personagem habitual na literatura médica de então, como por exemplo nos livros de Krafft - Ebing - a realizar investidas bizarras e imorais sobre a criança desprovida de maturidade e conhecimento sexual.

A leitura das Cartas a Fliess do período áureo da Teoria da Sedução (1896 e 1897) nos apresenta um curioso quadro de como Freud vê os repugnantes adultos que rodearam a criança, tornando-a histérica. Freud não oculta do amigo os detalhes das cenas apuradas junto aos pacientes, onde perversos parentes ou empregados atacam freqüentemente a boca e o ânus da criança.

Vejamos apenas um exemplo, o da Carta de 03 de janeiro de 1897, conforme sintetizado por Anzieu: "A sucção do pênis paterno explica os tiques de boca de uma paciente, seu acúmulo noturno de saliva, seu eczema

recidivante ao redor dos lábios, sua inibição em falar com a boca cheia"¹. O mais comum e ignóbil sedutor é o pai, conclui Freud, que em algumas ocasiões permite-se até estimular abertamente a paciente a lembrar-se da cena de sedução perpetrada pelo pai, ou mesmo a se adiantar ao relato. O próprio Jacob Freud não passa de um desses nefastos pais.

A morte do pai joga Freud, como já vimos no decorrer de nossa história, para um intenso trabalho psíquico relativo a questões teóricas e pessoais. Freud está às voltas com um incômodo sentimento de culpa, como se houvesse feito mal ao pai, ao mesmo tempo em que atende um rapaz, que, também em luto pela perda do pai, confessa-se refém de impulsos assassinos. Freud decide-se por uma auto-análise intensiva e sistemática, já que passa a qualificar seu sofrimento de neurótico. É aí então que Nannie, a velha babá de infância, assume um lugar de destaque, inicialmente como a originadora primordial de sua neurose, mas depois também como a pessoa que lhe deu motivos para viver e que lhe infundiu um grande amor-próprio. De hesitação em hesitação, Freud conclui: "A criança amava a velha", e recupera a lembrança de uma noite passada com a mãe numa viagem de trem, onde teria sentido uma forte onda de afeição erótica. O apelo ao mito de Édipo, o leva a generalização deste fenômeno de apaixonamento pela mãe e ciúmes do pai.

Cabe lembrar, uma vez mais, que o processo de descoberta não obedece às nossas simplificações ou idealizações estéticas. O laboratório de onde saem as novas idéias é o próprio psiquismo do autor, sujeito portanto às contradições que ele mesmo assegura serem universais. Por isto, encontramos Freud, em dados momentos de sua trajetória, sustentando teses diferentes e até mesmo incompatíveis, tentando conciliar o "velho"

¹ - ANZIEU, D. A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989, p. 92.

e o "novo" Freud, bem como guardar um espaço para as idéias do amigo Fliess.

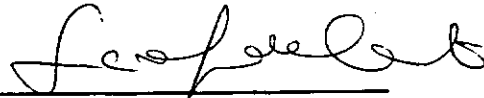
O modesto lugar dado a Édipo no Livro dos Sonhos (no interior da apresentação dos sonhos típicos de morte de pessoas queridas) revela que Freud não extraiu desde sempre todas as consequências e implicações do novo conceito, que não produziu uma nova articulação teórica em torno de Édipo, enfim, que não achou adequado marcar uma dramática ruptura com seu conhecimento prévio, a partir de então. Em que pese o argumento de que esta foi apenas sua avaliação incial, naqueles anos de 1900, pode ser interessante ver nisto, também, uma advertência contra nossa ânsia de dar à história uma elaboração final (inteiramente lógica) que ela não comporta.

BIBLIOGRAFIA

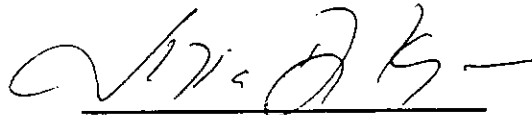
- ANZIEU, Didier. **A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- BASTOS, Liana Albernaz de Melo. **Eu-Corpando: Uma leitura dos conceitos de Ego e de Corpo na obra freudiana.** Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Dissertação de Mestrado, 1991.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega.** Vol. III. Petrópolis, Vozes, 1989.
- CHERTOK, L. e SAUSSURE, R. **Nacimiento del psicoanalista: Vicisitudes de la Relación Terapéutica de Mesmer a Freud.** Barcelona, Gedisa, 1980.
- ELLENBERGER, Henri F. **El descubrimiento del inconsciente.** Madrid, Editorial Gredos, 1976.
- FREUD, Sigmund. Charcot (1893). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (E.S.B.).** Vol. III. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- _____ Estudos sobre a histeria (1895). In: **E.S.B.** Vol. II. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- _____ A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). In: **E.S.B.** Vol. III. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- _____ Lembranças Encobridoras (1899). In: **E.S.B.** Vol. III. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- _____ A Interpretação de sonhos (1900). In: **E.S.B.** Vol. IV e V. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972.

- FREUD, Sigmund. *A Psicopatologia da vida cotidiana* (1901). In: **E.S.B.** Vol. VI. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- _____ *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). In: **E.S.B.** Vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- _____ *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909). In: **E.S.B.** Vol. X. Rio de Janeiro, Imago.
- _____ *Sobre o Narcisismo: Uma introdução* (1914). In: **E.S.B.** Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Vol. 2. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
- JONES, Ernest. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- MASSON, M. Jeffrey. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro, Imago. 1986.
- PLASTINO, Carlos Alberto. *A aventura freudiana: Elaboração e desenvolvimento do conceito de inconsciente em Freud*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Dissertação de mestrado, 1991.
- SÓFOCLES. *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono e Antígona*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

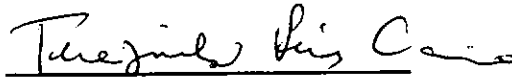
**Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC - RIO
pela aluna Eliane dos Santos Silveira , intitulada 'A Descoberta do Complexo
de Édipo: surgimento e formulação de um conceito', e aprovada pela Banca
Examinadora constituída pelos seguintes Professores:**



**Lúcia Rabello de Castro
PUC-RIO**



**Junia de Vilhena
PUC-RIO**



**Terezinha Féres Carneiro
PUC-RIO**

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 31 de Janeiro de 1995.



**Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas**